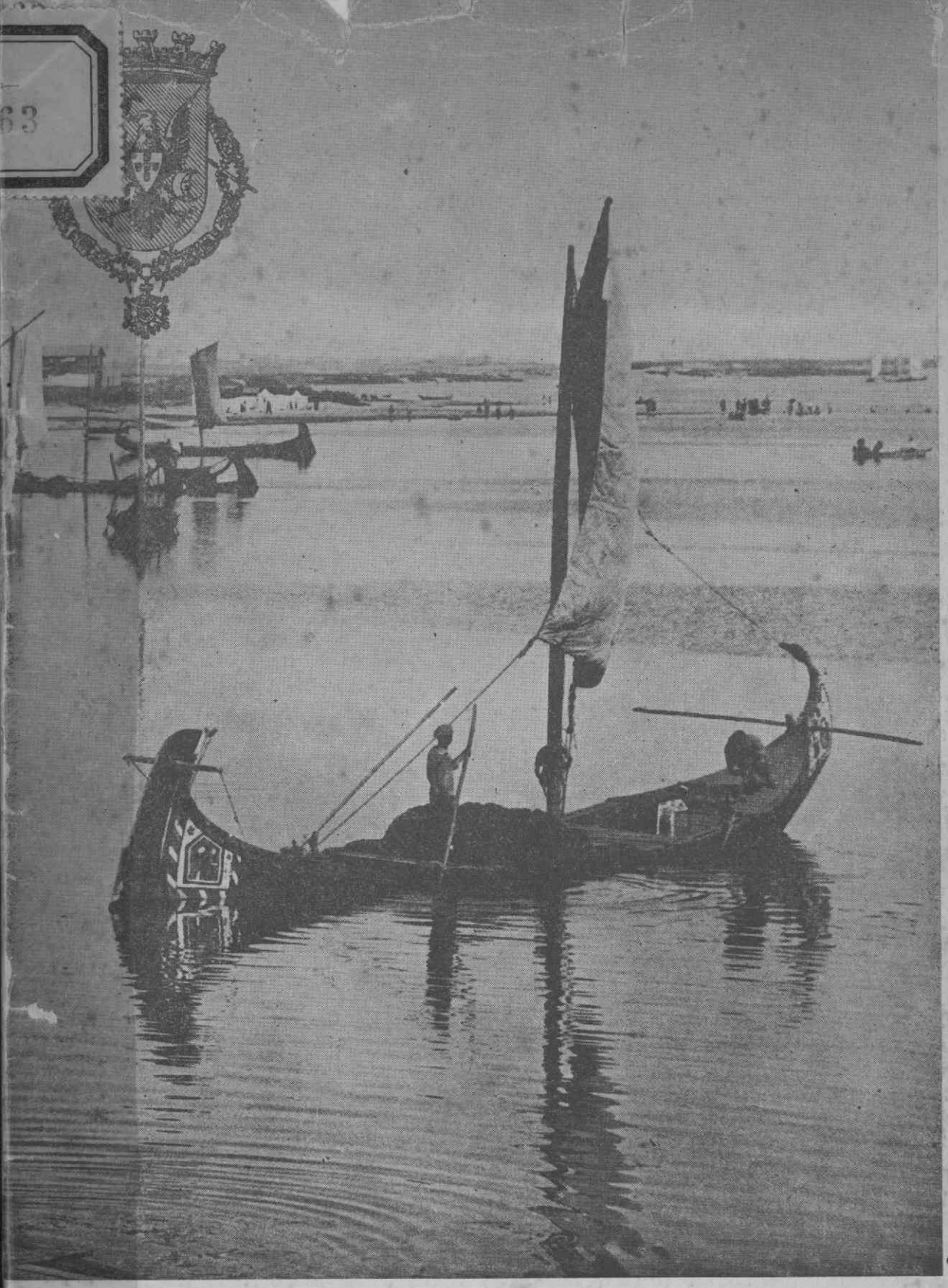
63



NÚMERO ESPECIAL DE AVEIRO

Dezembro 1932

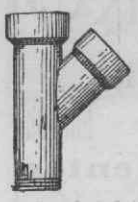
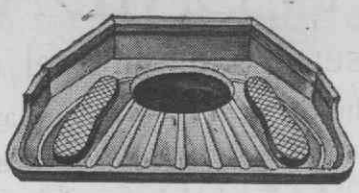
N.º 11

104

Fabricas Jeronimo Pereira Campos, Filhos

S. A. R. L.

Capital 2.700 contos — Fundada em 1896 — TELE(fone 108 (gramas **CamposFilhos** — Aveiro

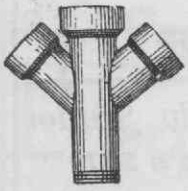
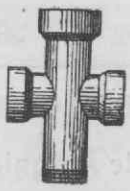
MEDALHA DE PRATA
Rio de Janeiro – 1918

MEDALHA DE OURO
Rio de Janeiro — 1923

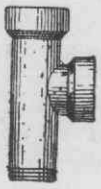
MEDALHA DE OURO
Exp. Inter. de Barcelona — 1929

Séde e Administração — AVEIRO

A maior e mais esmerada fabricação de tôdos os produtos cerâmicos para construções. Telha tipo Marselha, Sucesso, «*Campos*», cobrindo esta pelo sistema da de Marselha sem o emprego de argamassa e imitando perfeitamente a antiga telha de canudo (modelo e marca registados). Tijolos vermelhos de tôdos os formatos, ***Tijolos e peças refractarias para altas temperaturas,*** barro refractario, ***tubagem de grés*** e tôdos os acessorios para saneamento, botijas, vasilhas para ácidos, potes e garrafões, peças para corrente de alta tenção, bacias, retretes, lavatórios e etc., etc.

DEPOSITO NO PORTO
Rua Sá da Bandeira, 382 Telefone 4674

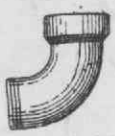


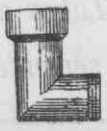
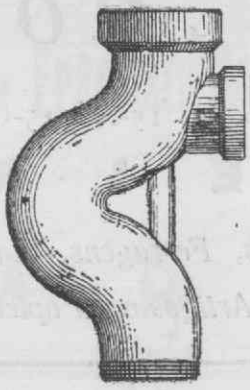
DEPOSITARIOS EM LISBOA

Ferraz, Limitada

Rua do Largo do Corpo Santo, 8 Telefone 2 2935

LISBOA



AVEIRO

ARTUR TRINDADE

GARAGE AVENIDA AVEIRO

O melhor serviço automovel de Aveiro

Lavagens e lubrificações por máquinas modernas

AUTO ELEVADOR GIRATORIO — **Recolhas permanentes**

Automoveis, Motos e Bicicletes. Acessorios — PNEUS, OLEOS E GASOLINA

Pereira & Lau, L.da

Armazem de Mercearia,
Bacalhaus Nacionais e Estrangeiros

Agentes dos Refrigerantes Bussaco e C.a
Cerveja Portugalia

Aguas Minerais — Deposito de Tabacos

Avenida Central — Telefone 59

Aveiro

BRUNO DA ROCHA & C.a

Armazem de Mercearia e Cereais

Secção de retalhos de mercearia fina e cervejaria. Torrefacção e moagem de cafés a electricidade

Depositários do PONCHE REI DE SIAM

Largo da Estação — Tel. N.º 105

AVEIRO

Restaurante Pinho

de **Antonio de Pinho Nascimento**

(Casa fundada em 1892)

Praça de Peixe — AVEIRO

Uma das melhores casas na género

Quartos confortaveis e higienicos — Explendida sala de mesa — Cosinha regional — Especialidade em peixe fresco e de escabeche

Preços módicos — Telefone 132

Primoroso vinho de mesa

Antonio da Cruz Bento Júnior

Negociante de Pescado e Sal

AVEIRO

Sucessor das firmas:
João da Cruz,
António da Cruz Bento
Antonio da Cruz Bento & Filhos,
e João da Cruz Bento & Irmão

Tele(gramas — CRUZES — Aveiro
(fone 90

Alberto Rosa, L.da

Rua dos Combatentes da Grande Guerra 15-A a 15-C (Vulgo Rua Direita) Tel. 24

AVEIRO

Depósito de Cimento, Oleos, Ferragens, Vidraça e Tubos de grés

Bacalhau, Mercearia, Artigos para apicultura e sementes

AVEIRO

Hotel Candieiro

de

Joaquim Ferreira Tavares

Telefone n.º 1

Bôa mesa e quartos amplos

Aceio e conforto — Cosinha á Portuguesa

AGUEDA

Fabrica Ceramica e Serração

de

Guerra & Cruz, L.da

AGUEDA — Portugal

Afonso Lopes Correia

Estabelecimento de Mercearia, Miudezas, Chá e Café

:-: Fornecedor de ovos :-:

AGUEDA

Barão do Souto do Rio, S.res, L.da

Agueda

Mercearias, Cereais, Papelaria e Calçado

Vendas por junto e a retalho

Correspondentes de vários Bancos e Companhias de Seguros

Ezequiel da Silva Pinho & F.os, L.da

Conta-própria
Comissões-consignações
Representações

◇

Cereais-legumes-farinhas
Semeas e ovos

◇

Depósito de
Pregaria
Adubos quimicos
Carboreto nacional
Cimento 'LIZ' e 'TEJO'
Cal hidráulica
Tintas Walpamur
Tabacos e fósforos

TELEGRAMAS:

«EZEQUIEL PINHO»

Praça Francisco Barbosa

Material eléctrico
Aparelhos de T. S. F.

◇

Correspondentes de Bancos e companhias

◇

Depositarios da "SHELL"
Gasolina, petróleo,
Óleos combustiveis
e lubrificantes

◇

Stock de pneus, camaras
e acessórios
para automoveis, motos
e camionetes

ESTARREJA

5.º ANO 31 DEZEMBRO 1932 N.º 11

MAGAZINE DO PESSOAL
DA
Shell Company of Portugal, Limited

DIRECÇÃO DE René Monteiro e Urbano de Oliveira

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
IMPRENSA BAROETH
Rua do Telhal, 65—LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA

Editor: J. Ramalhete Beato

AVEIRO

"A ELEGANTE"
Estabelecimento de fazendas e modas
Camisaria e Lanificios
DE
Pompeu da Costa Garcia
AVEIRO
Sempre as ultimas novidades—Sortimento completo
Preços módicos

Armazens de Aveiro, L.da
AVEIRO
Os maiores depositários
das loiças da Vista-Alegre
Os melhores preços para revendedores

JOSÉ D. PEREIRA & IRMÃO
Sucessores de (Miguel Marques Henriques / (Martins & Henriques
Automóveis de aluguer — Oficina de reparações — Oleos e Correias
Motos, Bicicletas e pneus—Acessórios congéneres—Agentes dos pneus MICHELIN e outras marcas
Depositários da SHELL
Telefone N.º 5
Largo do Calhariz — ALBERGARIA-A-VELHA

A hidro-electrica
Fábrica de Moagem e Descasque d'arroz
por sistemas aperfeiçoados
Carlos Marques Rodrigues
Estarreja

Electro Mecânica
Guilherme da Silva Guerra
Instalações, máquinas e material electrico
Electrificação d'automóveis
AGUEDA e ANADIA

E A BEIRA-MAR

AVEIRO é o centro da região da Beira-Mar, unidade geográfica distinta e marcante no País, que se estende a um e outro lado do baixo curso do Vouga, entre as terras vizinhas do Pôrto ao norte e as de Coimbra ao sul, tendo a leste uma série de montanhas que a separam naturalmente do distrito de Viseu e dos montes e planaltos da Beira Alta, terminando a poente pelos vastos areais que limitam o Oceano.

A Beira-Mar constitue um dos mais curiosos motivos ornamentais da raia verdejante e luminosa que se interpõe, paralela à costa, entre o macisso rígido e atormentado da velha mesêta ibérica e as águas do Atlântico.

Esta zona beira-marinha, tão interessante e com tanta originalidade no litoral português, toca pelas altitudes dos 800 e dos 1.000 metros nas cumiadas e nas lombas serranas de Arouca, Cambra, Sever, Talhadas, Caramulo e Bussaco, donde se disfrutam panoramas soberbos que vão da Espanha à Serra da Estrela e de Leixões ao Cabo Mondego, e abaixa-se, na proximidade da costa, numa extensa planicie discretamente ondulada, até formar a Ria.

A Ria, que imprime carácter a todo êste compartimento, é um labirinto de esteiros, rios, canais, cales e estuários, polvilhado de ilhas e marinhas e debroado e intermiado de campos e dunas, tendo por fulcro das suas variações de costumes e paisagens a Cidade que é, ao mesmo tempo e bem acertadamente, a capital de um dos nossos mais importantes distritos administrativos.

A par e passo que esta região, singularmente rica de aspectos típicos e originais no ocidente europeu, vai sendo conhecida, vai-se tornando afamada e vai-se impondo como um atractivo turístico, ponto obrigatório de paragem e visita de toda a gente ilustrada, estudiosa ou curiosa que, viajando, passa do norte para o sul de Portugal e vice-versa.

«Cidadesinha linda cantante, arejada, desabrocha como uma fina flôr aquática, como um enorme nenufar branco de entre as águas, que por todos os lados a cingem, a atravessam em canais, a banham, a refletem, a espelham, como disse Domingos Guimarães, Aveiro fica à beira dêsse *lido* chamado a *Ria* que os geógrafos consideram *«o mais notável acidente das Costas peninsulares do Atlântico»* (J. Dantin Cereceda.

A Ria, *lido* ou *haff* que se espraia em frente do delta do Vouga que nela desagua com outros rios de menos importância, é devida a lentas erosões marítimas e fluviais e a seculares acumulações arenosas do vento e das ondas, acompanhadas de longas colmetagens e preenchimentos fluviais e lagunares, num vasto golfo que em tempos remotos existiu na costa entre Cabo Mondego e os confins de Espinho.

Na definição de António Arroio, ela é um *«polipo colossal que se divide em infinitos braços e penetra pelo interior das terras desde Ovar até aos palheiros de Mira, em 44 quilómetros de costa e transversalmente, numa largura máxima de 10 quilómetros.*

Para regatas ou excursões de remo e vela, longos passeios em gasolina, cruzeiros em barco moliceiro ou mercantel, para caça e pesca, hidro-planagem, aviação marítima, exercício e corridas de natação, oferece a enorme laguna condições inegualáveis, pois são variadíssimas as suas condições de fun-

NUNES DA SILVA

O nosso colega-inspector a quem se deve a organisação do presente número.

"Shell News" Deseja a todos os seus colaboradores, anunciantes e leitores, um NOVO ANO de prosperidades.

MARIO DUARTE
Presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Aveiro

do, correntes, temperatura, que favorecendo a vida de uma fauna e flora aquáticas de grande valor económico nunca deixam de ser excelentes e seguras para todos os recreios desportivos.

A paisagem é, em verdade, única no País: «*indecisa entre o mar e a terra; enche-nos de vivo prazer e atrai-nos como a sombra da manzanilha*», sendo aqui o «*homem anfíbio, lavrador e marinheiro*». (Oliveira Martins).

De *Holanda Portuguêsa* a crismou *Elisée Reclus* e assim a considerava Ramalho Ortigão.

«*Provávelmente,* diz António Arroio, *pela extensa superfície de evaporação de centos de hectares de água salgada, tôda esta região se distingue do norte do país pela luz irisada que a banha e de momento a momento muda de tom*».

E' a mesma luz, a mesma côr, que se decompõe no azul de que tanto fala Raul Brandão no seu livro *Os Pescadores* e que enche, em verdade, de anil a nossa retina, e naquele *verde* que se «*diria dado com uma pincelada de ametistas e safiras liquefeitas, que numa extensa gama inunda tudo desde a orla da laguna até à magnifica linha orográfica das montanhas da Beira;* como notou Luis de Magalhães, e que impressiona e seduz todos os visitantes.

Pela costa fóra, no meio do areal, que o sol torna por vezes poirado e fulvo, uma série de praiasitas ridentes e ingénuas, praias económicas, de calma e socego, que nos dão saude e bem estar, largamente freqúentadas pelas gentes do litoral e Beira-Alta: Mira, à beira de uma lagoa que azuleja entre lombas; Costa Nova com a sua ria inegualável onde as crianças barqueiam a toda a hora; a Barra, soberbo sanatório marítimo, tão enlaçada de águas e de tal sabor a maresia que julgamos dentro dela flutuar em pleno oceano; o Forte e S. Jacinto, com as suas grandes instalações de aviação marítima; a Torreira e o Furadouro, cheias de originalidade e pitoresco, e Espinho e a Granja, na sua alta classe de centros mundanos e de prazer.

Os barcos típicos da Ria, entre os quais sobresaem os *moliceiros* de talhe tão bizarro, as curiosas indústrias das marinhas de sal, da apanha do moliço, do arrasto costeiro e da secagem do bacalhau, são outros tantos motivos de curiosidade e observação imprimindo à fimbria ribeirinha notas inconfundiveis de côr local e riqueza etnográfica.

Na terra firme, adensa-se a população nos nossos mais elevados índices, muito superiores à grande média europeia, podendo afirmar-se que o distrito de Aveiro, se descontarmos os terrenos inabitáveis (dunas, serras e alagados) é o de maior densidade da província portuguêsa, sinal de condições climáticas, económicas e sociais propícias, como de facto, por uma boa disposição e aptidão da terra para o exercicio da actividade humana.

◇ ◇ ◇

Aveiro é, ainda, um centro monumental e artistico. No edifício do antigo convento de Jesus, cuja fundação data do século XV e foi selada com a presença de D. Afonso V, está instalado, desde a proclamação da República, um Museu nacional de arte denominado *Museu de Aveiro*, um dos mais importantes do país e que

Uma sala do Museu de Aveiro

forma, com os seus congéneres regionais *Grão Vasco*, de Viseu e *Machado de Castro*, de Coimbra, um triângulo artistico de percurso obrigatório no grande turismo das Beiras.

As suas colecções são vastas e importantes, especialmente a de paramentos religiosos e tecidos, sendo único no mundo o túmulo de mármores embutidos da Princesa-Infanta Santa Joana, irmã do grande rei D. João II, cujo retrato é uma das táboas de mais valor da nossa pintura primitiva; graciosíssimo o claustro na sua simplicidade arquitetónica e, sem receiar confrontos com o que de mais rico e delicado possa existir no género, a famosa talha dourada da sua formosíssima igreja.

ALBERTO SOUTO
Director do Museu de Aveiro

No mesmo edíficio está em organisação um Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia, não aberto ainda ao público, mas que os estudiosos podem visitar, solicitando-o.

Pouco além de Ilhavo, a 7 quilómetros, fica a fábrica de porcelana da Vista Alegre, com seu museu, capela-monumento e soberbo mostruário.

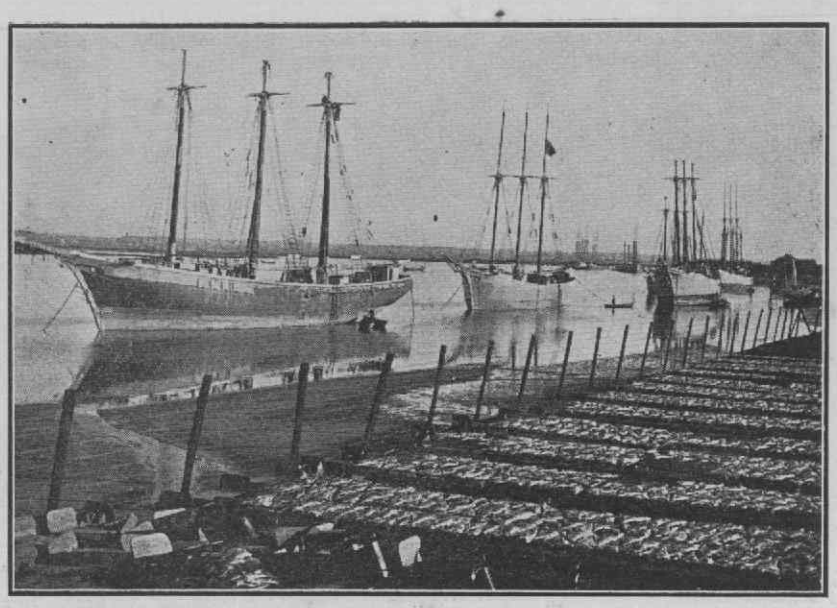
Na cidade e seu aro, ainda, são dignas de atenção as fábricas de faianças artísticas, louças decorativas e azulejos que teem conquistado grande renome, bem como as fábricas de cerâmica de construção que aproveitam a matéria prima abundantissima no sub-solo, a igreja do extinto convento das Carmelitas, antiga pertença dos duques de Aveiro, a capela do Senhor das Barrocas que Dieulefoy considerou «*uma transcrição muito elegante dos batistérios de Pisa e Florença;*» a fachada da Misericórdia, da segunda renascença, a frente dos Paços do Concelho, construção do século XVIII, e o monumento a José Estêvam que foi o príncipe dos oradores do periodo áureo do liberalismo e o maior propugnador dos progressos de Aveiro no século XIX.

◇ ◇ ◇

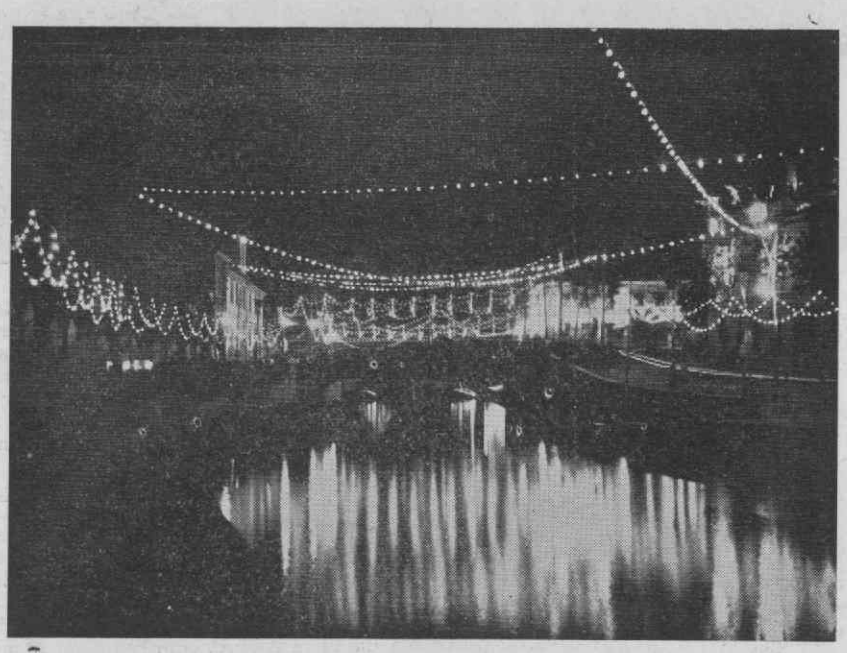
Interessantissimos os costumes, o traje das tricanas de clássica fama e gracilidade escultural, as magestosas procissões da Cinza, Passos e Santa Joana, e célebres, na lista das guloseimas do país, os *ovos moles*, como célebres, a-pesar-de lastimosamente escassos, os *mexilhões* de conserva e apreciadas, sem favor, por todos os visitantes, as *enguias* e *caldeiradas* à pescadora.

A meia hora de caminho de ferro ao sul, e ligada a Aveiro por uma estrada quási recta que dentro em breve deve ter excelentes condições para automobilismo, a Curía, provando a todo o mundo que a Europa não termina nos Pirineus, e a pouco mais o Luso e o histórico e delicioso Bussaco, com a sua divina floresta e o seu Hotel-Monumento em manoelino heróico, e a Bairrada, de interminos vinhedos.

A dois passos, o chamado *tunel de Angeja*, estrada aberta pelo meio dos salgueirais do Vouga, topando na base das encantadoras colinas onde Oliveira Martins se perturbou vendo a seus pés a paisagem magnifica; depois, a caminho de Águeda, *a linda, a Varanda de Pilatos*, sôbre a ponte de Almeara, e a *Pateira de Fermentelos*, lagoa de semblante imprevisto, lembrando um lago suísso e, aí perto, a igreja da Trofa, ao lado da estrada Pôrto Lisboa, com o Panteon dos Lemos, em renascença coimbrã.

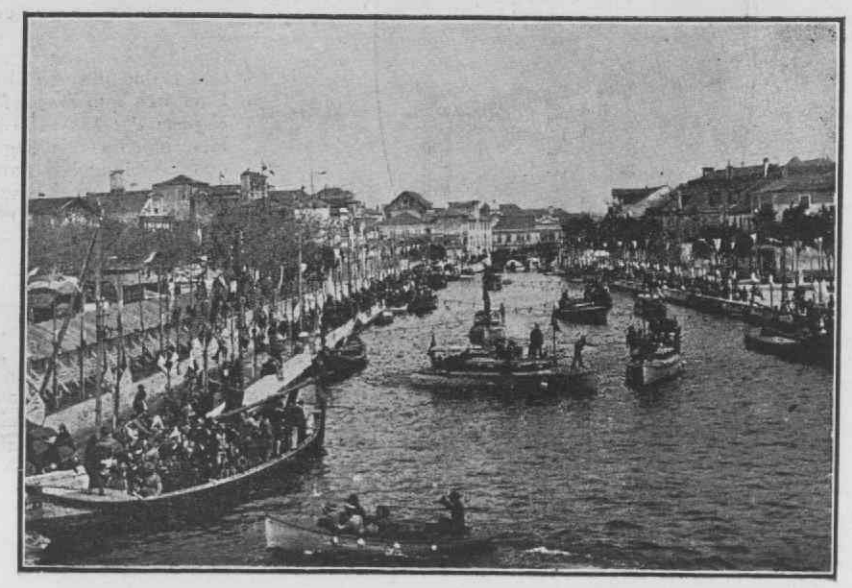


GAFANHA — Séca do bacalhau



AVEIRO — Iluminações por ocasião dos recentes festejos em honra de S. Ex.ª o Sr. Presidente da República.

Para os lados do norte, Estarreja reclinando-se na colina ensoalheirada, ao lado da *Senhora do Monte*, guia-nos para a fecunda e tenacíssima Murtosa, colmeia de incontáveis gentes labutando em todo o mundo, separada da Torreira e ligada a Ovar pela vasta Ria do Norte, e Oliveira de Azemeis nas suas encostas graciosas, de resaibos de Além Douro Litoral, onde parece divagar a capela da *La Salete;* Vila da Feira com o seu artistico castelo, rival de Leiria e Almourol; S. João da Madeira febricitante de actividade indústrial, o Vale de Cambra, imponentíssimo na verdura dos seus socalcos e no alcantilado das suas serras com a sua *Senhora da Saúde do Giestoso* e a formidável cascata da *Misarela* onde o Caima se despenha de 70 metros de alto, numa paisagem apocalítica, incrivelmente selvática e alpestre. Num reconcavo da mesma serrania, ao lado do grande nó montanhoso de Albergaria das Cabras, na passagem para Entre-os-Rios, a vila de Arouca venera no seu opulento mosteiro as relíquias da Rainha Santa Mafalda. No eixo da região, essa cenografia maravilhosa do *Vale do Vouga* que se inicia pelos cabeços de Albergaria, presididos do *Bico do Monte* por aquela *Senhora do Socorro* que Correia de Oliveira cantou, e pelos montes deslumbrantes de Sever que abrigam a grande zona mineira do distrito — e onde a *Cascata da Cabreia*, o *Vale do Inferno*, o alto das serras do *Arestal* ou das *Talhadas* valem, só por si uma visita, e valeriam uma vigeliatura



AVEIRO — Cais da cidade

se houvesse hotelaria adequada. Esse *Vale do Vouga* que, contemplado da estrada ou da linha férrea que o seguem, coleando, é todo um poema de verdura e arrojo, de beleza e surpresa estranhas, casando a alegria minhota com a grave fisionomia das montanhas beirás, conduz o viajante estupefacto que deixou a marinha, onde as ondas rolam e as gaivotas e as velas adejam, ao alcantilado das penedias de Vouzela e ao planalto de Vizeu, onde dormita o coração da velha Lusitânia, velado pelos heróis das lendas, em seu sacrário de granito!

Todo o Portugal se espelha, reflete e resume nêste rincão de terra, sua miniatura: a montanha e o vale, o rio e o monte, a planura, o campo, o mar — o mar! paixão dos portuguêses, que tendo sido o caminho das navegações da nossa epopeia, há-de ser sempre a eterna garantia da raça!

«Terra de encanto, paisagem de maravilha!»

«Nunca os olhos extasiados se fartam de contemplar o famoso pais que cinge a cidadexinha clara!» exclama o primeiro escritor que eu citei.

E a cidade, humilde, mas grácil e luminosa, olhada do Canal das Pirâmides, da Ponte da Gafanha ou da varanda do Farol, quando a luz da tarde lhe branqueia o casarío na arriba contra o verde das águas e dos pinhais e o arroxeado da serrania distante, sugere-nos a ideia de uma garça poisada na praia, a querer levantar o seu vôo... — sem a gente saber bem, afinal, se é terra o que vê, se ainda é mar ou se é já o céu!...

Museu Nacional de Aveiro

Alberto Souto

FÁBRICA ALELUIA

.. : : ..

Azulejos e louças de pó de Pedra

João Pinho das Neves Aleluia

AVEIRO

.. : : ..

Banco de Jardim executado em azulejos

Azulejos para todas as aplicações imitações dos azulejos dos séculos XVII e XVIII. Azulejos de figura avulsa. Paineis de azulejos em todos os estilos. Reprodução de monumentos, imagens, etc.

Faianças decorativas

Telegramas — Fábrica Aleluia — AVEIRO TELEFONE 22

Monumentos de Aveiro

■ ■ ■

Reliquias de Santidade em cofre precioso

E' POBRE Aveiro em monumentos. Terra encostada ao mar, dotada pela Providência, dessa maravilha de beleza que lhe dá uma encantadora originalidade entre tôdas as terras do continente português — a sua laguna formosissima, que não tem rival na Península e a par dêsses encantos de privilégio fornece manancial inexgotável de riquêsa — Aveiro dedicou-se sobretudo à faina da pesca, a pesca longíqua nos bancos da Terra Nova, a pesca costeira e a pesca lagunar, que ainda hoje ocupam logar proeminente no quadro económico da região.

Assim, dos pescadores rudes e ríjos de musculos que quotidianamente consomem o tempo em labutas depauperantes sobre as águas inquietas e traiçoeiras, nada mais poderá exigir-se que êsse constante esforço para arrancar dos fundos pletoricos do mar ou da ria as espécies piscícolas mais apetecidas.

E os artífices têm conseqúentemente de empregar seus braços nas industrias acessórias da pesca e do comércio marítimo, em que a construção naval ocupa, portanto, um papel preponderante. A vida do mar absorvia todas as actividades e deu à terra grande incremento.

No século XVI foi Aveiro um pequeno emporio no movimento comercial marítimo do norte de Portugal, atingindo a sua população a cifra de 14.000 habitantes e mantendo-se na vila uma colónia importante de comerciantes estrangeiros, ingleses e flamengos que viviam até em bairro especial.

Tôda a acção local se desenrolava á volta do pôrto que nêsse século aureo da história de Aveiro oferecia garantias de segurança como instrumento do progresso económico da região. E' interessante destacar aqui, como documento da febricitante actividade de então, o que a respeito do pôrto de Aveiro, n'essa época remota, escreveu Rocha e Cunha, o erudito investigador da história económica d'esta terra, que volve de novo olhares de esperança para o futuro, contando vêr reatada essa tradição longinqua se os poderes públicos persistirem na ância renovadora que caracterisa a moderna política essencialmênte de realisações.

«O movimento do pôrto, diz Rocha e Cunha era continuo; de dia e de noite, maritimos, marnotos e medidores, armavam as suas tendas fóra das muralhas para carga e descarga dos navios.

Não tocava o sino de ronda e não se fechavam as portas da vila do lado da Cale de S. João para permitir a entrada e saida livre a qualquer hora. As rixas noturnas dos marcantes obrigaram o ouvidôr a determinar que se fechassem as portas; todos reclamam alegando que tal medida redusiria a metade a exportação de sal, porque a maioria dos navios carregava de noite; e foram atendidos. O

Imagem de Santa Joana Princesa

armamento para o comércio marítimo tinha atingido o seu apogeu; a praça tinha cem navios que se empregavam principalmente no comércio de sal para os portos da costa, e para o estrangeiro».—

* *
*

Se nos estaleiros se batia o ferro e se afeiçoava a madeira para as embarcações que sulcavam o mar, não havia porém oficinas de canteiros onde os lavrantes da pedra, que não existia na região, fizessem escola ou produzissem trabalho que enriquecesse o lugar de joias arquitectonicas, como as que guarnecem tantas terras de Portugal.

Dentro das muralhas com que o Regente D. Pedro defende a vila nos principios do século XV, escassas são as construções de relêvo.

Mas funda-se então, sob o patrocinio do infeliz Infante, o desditoso vencido de Alfarrobeira, o convento de S. Domingos para homens. Isso em 1413.

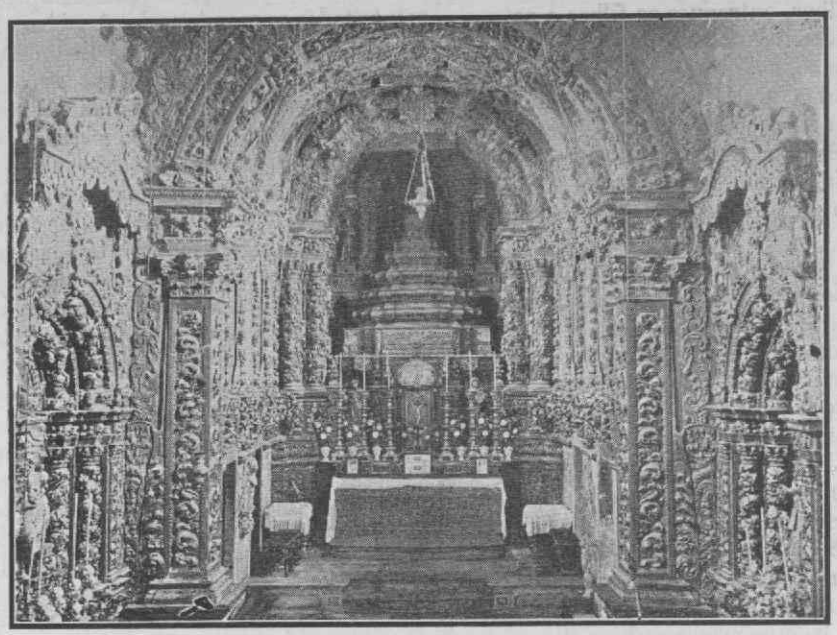
Perto de cincoenta anos depois, em 1458, a mesma ordem cria, ao lado dêsse, um convento para freiras.

Quem o funda?

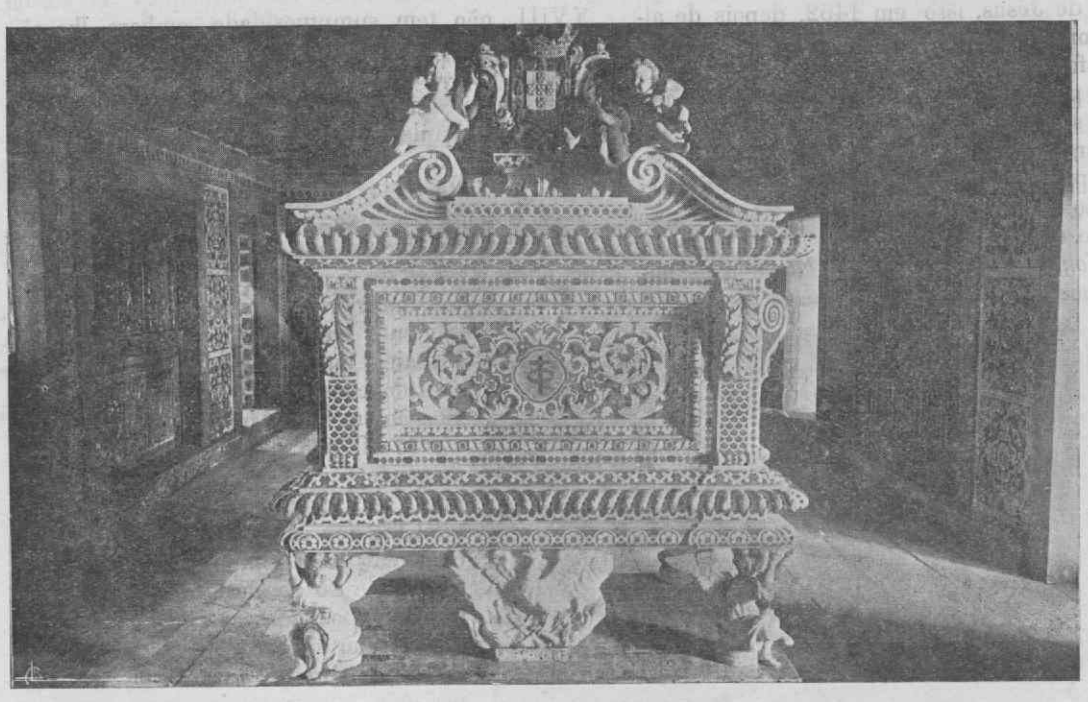
Uma dama de D. Izabel, esposa do Regente—Bri es Leitão — e uma companheira sua, Mécia Pereira.

Brites Leitão é casada com Diogo de Ataide, môço cavaleiro que serve o Regente D. Pedro com lealdade e nobreza e que assiste, pavido de dôr, a esse trágico desenrolar da lucta entre o tio e o sobrinho e genro, lucta que tem o seu apogeu sangrento na jornada triste de Alfarrobeira em que as hostes rivais de D. Pedro e D. Afonso V se chocam violentamente e com a qual a nossa história marca de negro carregado uma das suas páginas mais desastradas.

Não resiste por muito tempo, á horrorosa im-



Igreja de Jesus — Capela Mór



Tumulo de Santa Joana

pressão da tragédia, o espirito gentil do moço fidalgo que, embora obrigado a servir o joven Rei, não varre da sua memória a sombra carinhosa d'aquele que egualmente serviu e a quem o destino impôz fim tão desgraçado. Domina-o o tedio e a tristeza.

Assim ele e a mulher, entregues os filhos a parentes próximos, abandonam a côrte, para viverem a vida modesta da solidão, longe dos artificios mundanos e do bulício doirado dos salões do Paço, onde a baixa cortesania dos aduladores vulgares parecia esquecer o vilão desprêso com que, depois de morto, foi tratado, no dia sinistro, o corpo do que era o pai da Rainha e sogro e tio do consentidôr de tão atroz profanação.

E então esse par, que sentia a mesma dôr e sofria do mesmo enfado, vem até às proximidades de Aveiro, onde adquire uma propriedade e onde vive a vida tranquila do campo, ele entregue às lides da terra, ela à faina doméstica, e ambos orando, jejuando e acudindo à pobreza.

N'esta renuncia dos dois está o germen da fundação do Convento de Jesus e da resolução da Princesa Santa Joana de se recolher n'esta casa, de professar aqui e aqui morrer e ser sepultada, sacrificando assim a beleza física com que Deus a dotára a essa maior beleza que santifica as almas; a grandesa da côrte em que nascera, à maior grandesa do catre duro e do cilicio cruel com que se humilhara, purificando-se e elevando-se até Deus.

Diogo de Ataíde morre em 1453 e Brites Leitão, que, por conselho de Frei Angélico, da Ordem de S. Domingos, vem para Aveiro em 1458, onde vive em casa modesta, fazendo vida de recolhimento, resolve construir casa própria que será mais tarde o Convento de Jesus, isso em 1462, depois de alcançado o consentimento do papa Pio II, e o auxílio de D. Afonso V.

É ela a primeira prioresa do Convento ao qual lega tôda a sua fortuna, fazendo outro tanto as duas filhas que tinha.

Assim apareceu dentro das muralhas da vila essa construção que é hoje o Museu Regional e que foi no ultimo quartel do século XV a habitação de —«*Soror Joana da Corôa de Espinhos*»—a formosissima princeza filha de D. Afonso V a quem José Pereira Bayam, no — «*Portugal glorioso*» se refere da seguinte maneira:

—«Era de grande estatura, o rosto redondo e alvo com sua natural graça de rosado nas faces, olhos verdes, o nariz meão e afilado, a bôca grossa e revolta, os braços e mãos compridas e finalmente todos os membros do côrpo bem feitos e proporcionados, o aspecto senhoril e magestoso, e em tudo muito engraçada e agradável, partes que constituiam nela uma belissima creatura».

Requestam-na príncipes estran-geiros, surpresos detanta formusura e anciosos de se aliançarem com a côrte portuguêsa tão prestigiosa n'esse tempo famoso das conquistas d'Africa; procuram dete-la no seu propósito de renuncia aos maiores esplendores da sua condição real, o pae e o irmão, os aulicos e os cortesãos, nobres e prelados, mas a tudo resiste a que resolveu ser apenas esposa de Cristo e trocar o diadema regio e a flôr heraldica da sua alta estirpe pela Corôa de espinhos com que brasonou suas roupas humildes de reclusa.

E valeu mais a pertinacia da sua alma de eleita de Deus que o poder do conquistador de Arzila D. Afonso V, ou a arrogancia cruel do decapitadôr dos nobres, o duro D. João II.

A Princeza vem para Aveiro nos fins de Julho de 1472, para o humilde convento fundado pela que foi dama de sua avó, aqui recebe o hábito de dominicana em 25 de Janeiro de 1455 e aqui morre, aos 38 anos, na noite de 11 para 12 de Maio de 1490.

Não tem Aveiro monumentos que a tornem uma cidade rica, de arquitecturas notáveis, já se disse. O edificio do Convento de Jesus, que foi quasi inteiramente reconstruido nos principios do século XVIII, não tem sumptuosidade, embora lhe não falte elegância nas suas linhas sóbrias. Mas encerra uma joia preciosissima, a capela mór da Egreja, profusamente guarnecida de talha dourada que reveste por completo as paredes e remata na abobada abatida num formosissimo artesoado do mais surpreendente efeito neste genero de arte religiosa.

E no côro de baixo, ao fundo da Egreja, destaca-se à admiração dos que se sentem fascinados pelas obras primas do genio humano, essa maravilha de labirinto de marmores de várias côres, deliciosamente entrelaçados num caprichoso mosaico, que é o tumulo da princesa, andado construir, depois da sua beatificação em 4 de Abril de 1693, por D. Pedro II, que d'essa obra, formidável de concepção e de execução, encarregou o seu arquitecto João Antunes o qual lhe deu começo em 1699 e o concluiu em breve tempo.

Desde 25 de Outubro desse ano se acham depositadas as reliquias de santidade, que são os restos da Princesa, nesse cofre precioso, de marmores e jaspes que quatro anjos alados seguram guardam dos contactos terrenos.

Cherubim Guimarães

MUSEU REGIONAL — Jarrões. Arte Portuguesa

Senhora do Socorro

(António Correia de Oliveira, o poeta admirável da Raís e das Parabolas, nascido no Alto-Vouga, fixou nêstes versos encantadores, a impressão magestosa do Monte do Socorro, a dois quilómetros de Albergaria-a-Velha, ao lado da estrada Porto-Lisboa.

Monte do Socorro, debruçado sôbre o vale do Caima, centro industrial e mineiro, vê-se o panorama grandioso das serranias do Arestal, das Talhadas, do Caramulo e a poente, a Ria e o mar em tôda a costa verdejante que se estende de Aveiro até ao Porto.

António Correia de Oliveira é hoje um mestre do verso na língua portuguêsa.)

Dr. Alberto Souto

Numa paisagem forte e excepcional,
Aonde cabe bem tôda a beleza
Desta terra a que chamam Portugal
E eu chamo o coração da Natureza;

Nos primeiros arrancos em que a terra
Fugindo do mar, que é pesadelo de águas,
Torna de novo a si, e se faz Serra,
E se revolta em pinheirais e fráguas;

E no alto dum sêrro, ao mar fronteiro,
Ante a montanha séria, foi erguida
A mais linda capela que um romeiro
Póde ver, na romagem desta vida:

Póde ver a enzimar o airoso monte
Que do mar para a serra se encaminha,
Como deusa pagã que fôsse à fonte
E levasse à cabeça a cantarinha...

Senhora do Socorro: à tua roda
Que verde devoção de pinheirais!
Os pinheirais que resam, sabem tôda
A fé das grandes coisas imortais;

As verdes legiões que tu dominas
De toda a altura, e que parecem,
Não árvores agrestes, pequeninas
Roseiras que ajoelham, e florecem...

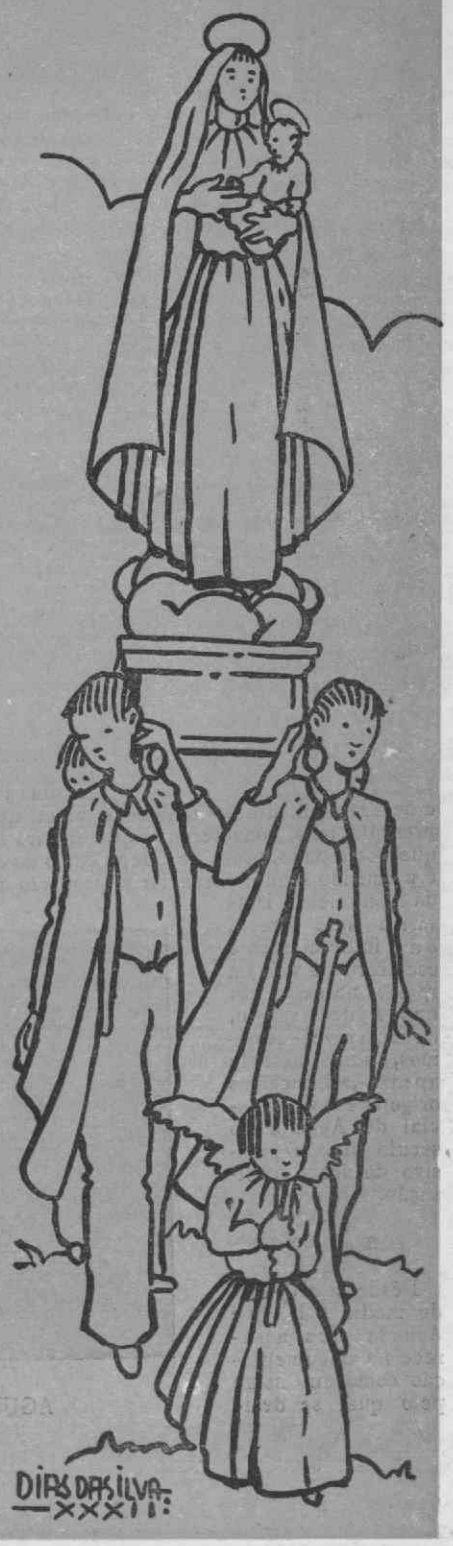
A um lado, ao sol, o mar, tão claro e ardente
(A nevoa é o fumo duma onda a arder);
E o mar, que toca o céu, parece à gente
Que se ergue mais em si, para te ver.

Doutro lado, a montanha imensa e augusta,
A fortaleza altissima de Deus
Nessa guerra de amôr que à terra custa
Verde sangue que sóbe e brada aos céus.

E em toda a imensidade azul e branca
A nevoa e o sol que dão também batalha:
E são gritos de luz que o sol arranca,
E desmaios da nevoa que se espalha...

Olhae! olhae: O céu, a serra, o mar...
Aqui não há doenças nem fraquezas:
Tôdo o remedio está sómente em olhar
Nêste Hospital das almas Portuguezas.

Correia d'Oliveira



Águeda

Subsidios para a sua história

Os pergaminhos de sucessora da cidade romana de Aeminium, que a imaginação dos classicos quinhentistas emprestou a Agueda, desde 1888 que, pela descoberta da lapide do Colégio Novo, se sabe que pertecem a Coimbra, embora do alto da fachada dos paços do concelho se continue a bradar, heraldicamente, o contrário.

Há quem suponha, num arranco de fantasia bairrista, e como que para se agarrar á tábua do naufrago, que a lapide descoberta em Coimbra podia até ter sido levada de Agueda.

Tudo nêste mundo se pode supôr... mas a verdade, porém, é que em Coimbra há vestigios da existência duma povoação importante do tempo dos romanos e em Agueda, ou mesmo nas suas proximidades, não existe coisa alguma que nos leve a admitir essa existência. A lapide não apareceu num deserto, mas enquadrada dentro do cenário de que ela não é mais do que a confirmação.

Além d'isso, outro argumento há para convencer os mais incrédulos e contra o qual não há poder de imaginação que resista. É sabido que, segundo a Carta de Estado Maior, a distancia de Gaia a Coimbra são: 105.100 metros, pois, pelo Itinerário Romano, a distancia que separa Aeminium de Cale corresponde a um certo número de milhas cuja soma dá 105 151 metros. E devo dizer que a identidade dêstes números não foi procurada com o prévio fim de demonstrar que Aeminium e Coimbra eram a mesma povoação, mas exclusivamente para determinar a situação conjectural de Talabrica, em um interessante estudo de geografia protohistórica de F. Alves Pereira (Vide Arqueologo Português vol. XII pág. 133) feito em Março de 1907.

Liquidado êste assumpto, entremos na verdade histórica que a documentação autoriza e cuja amplitude é suficiente para cabalmente nos elucidar sôbre a gestação e desenvolvimento do fenómeno social que Agueda representa; mas, considerando que dentro do curto limite que nos é dado, tanto de tempo como de espaço, não nos é permitido sequer enunciar a profusão de documentos da Monumenta Histórica que directa ou indirectamente esclarecem a vida da região na época em que Agueda surgiu, circunscrever-nos-êmos, sumariamente apenas ,a indicar as origens e o valôr social de Agueda no século mais expressivo da nossa civilisação.

■ ■ ■

Dêsde a alta idade média (883) que Agueda nos aparece na documentação como um nome pelo qual se designa uma determinada região, (ripa de Agata) fazendo-se o mais absoluto silencio sôbre a existencia do lugar que entre os séculos XI a XIII se deveria ter formado, para nos primordios dêste último século nos aparecer, nas inquirições de D. Afonso II e num fragmento dessa inquirição que João Pedro Ribeiro atribue ao ano de 1220, com aquele relativo desenvolvimento que nos deixa entrever o facto de figurarem 10 homens na Terra a depôr, quando costumavam sempre ser menos os que apareciam nos outros povoados para êsse fim. E diziam êles: que a egreja de Agueda era ainda de padroado rial, e que o rei tinha na vila de Assequins 18 casais e meio, que trazia em prestamo Monio Garcias; na vila de Bolfiar, 7, que trazia Pedro Rodrigues; na Borralha, 5, que pertenciam á Chancelaria e, finalmente, em Paredes, 4, que trazia Domingos Egee, e que no Reguengo tôdo só havia sonegadas 3 leiras que estavam na mão dos cavaleiros (milités) da Borralha e, bem assim, que o rei havia dado a Martin Vivas as vilas da Castanheira, Alcafaz, Mendo, Joanino, e 2 Balsamias (Belazaimas).

Para pagamento de tributos era indicado Ois, como regra.

O facto de se não designarem casais propriamente em Agueda, não quere dizer que ali já não houvesse ao tempo maior número de moradores do que nas outras povoações de cuja freguesia era séde. Examinando o inventario de Paio Gonçalves do ano de 1017, inserto num documento dos Diplomata et Chartae de 1077, vê-se que corresponde a um único casal (casal de lausato) o sítio onde hoje assenta a vila de Agueda e onde, naquele tempo, já existia a egreja, ou pelo menos qualquer capela ou ermitério, o que nos é denunciado pela designação de porto de S. Eulália dada ao sítio próximo da foz do Ribeirinho (Chão do Rio) que ainda na primeira metade do século XVII se chamava pôrto do Grajal, ou egrejal, segundo consta do Tombo da egreja dêsse tempo.

A egreja de Agueda estava, pois, erecta em cabeça do antigo casal de Lousado e era o único responsavel, pelos foros e rações que pagavam os habitantes de cujas casas era senhoria, o seu prior.

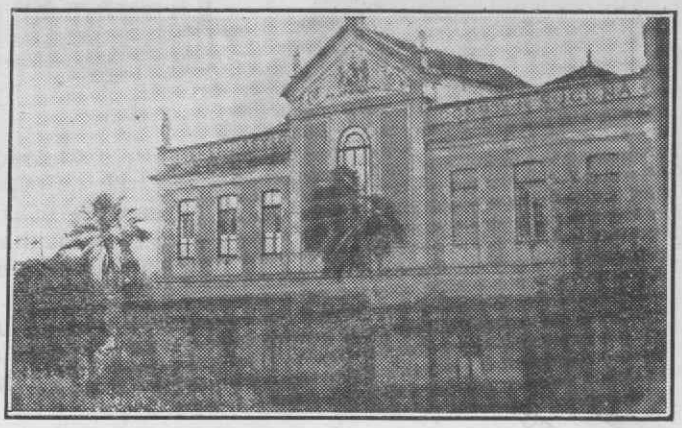
Ao pequeno lugar que á roda da egreja se iria formando, a princípio com o nome de S. Eulália, em breve se começou chamando S. Eulálio de Agada, para o distinguir doutros lugares do mesmo nome, entre os quais o da vila de S. Eulália, (Aguada de Cima) de cuja existencia já temos conhecimento no ano de 957, e lhe ficava perto.

Assim se começou, ou, mais rigorosamente, se deve ter começado, acon-

AGUEDA — Solar do Conde da Borralha

cretizar numa povoação o nome que do rio adviera á região.

A circunstancia de Agueda ainda aparecer denominada como burgo em mais do que um documento de origem diferente (Arquivo da T. T. e no meu Arquivo) da primeira metade do século XV, e a existencia, para o caso preciosa, dos Tombos da egreja e do hospital de Agueda já por si nos dão uma visão retrospectiva que autoriza a supôr que a origem de Agueda era aquela que lhe assegura o inventário de Paio Gonçalves.



AGUEDA—Hospital-Asilo Conde de Sucena

■ ■ ■

No século XV, o mais brilhante e creador da nossa história, Agueda, que acompanhava as vicissitudes de Aveiro (emporio comercial e grande vila com 894 fogos) de que era termo, e dada a sua posição geográfica, marcava o seu lugar como centro do tráfego entre as Beiras e a Costa e como praça largamente frequentada.

A sua população, pelo recenseamento de 1527, Vide A. H. P. Vol. VI pág. 278 juntamente com a do Cazainho era de 80 fogos, o que, atendendo ao excedente da população fluctuante, representava sensivelmente mais do que o mesmo número de fogos em outro lugar, e era constituida por mesteirais, mercadores, indústriais, e funcionàrios dos lugares visinhos que ali residiam, em cuja classe, as próprias familias nobres da terra dos séculos subsquentes, encontravam a sua origem.

Estranho poderá parecer que, nesta altura, e cercada de terras insignificantes com foral privativo, Agueda onde tôdas essas terras se abasteciam, não o tivesse também? Mas não é.

O foral do município não era mais que um conjunto de disposições, sancionadas pelo rei, que regulavam a conducta entre o senhorio e o foraleiro e resultava da necessidade que a humildade do colono tinha de se defender da tirania do donatário.

Dentro do actual concelho de Agueda os visinhos lugares de Casal do Alvaro e Bolfiar podem fornecer-nos um claro exemplo do que isso era.

Nos fins do século XV era senhor dêstes lugares João Alvares da Cunha, senhor de Pombeiro, descendente de João Lourenço da Cunha e de D. Leonor Teles, a que foi rainha. Era um grande e poderoso fidalgo, portador de toda a altivez e dureza dos temperamentos medievos. Aquêles povos, p la boca de Braz de Ferreira, (Corpo Cronológico, parte II, maço VIII doc. 80 da T.T.) seu procurador, diziam que João Alvares «levava portagem e passagem dos moradores dos ditos concelhos e dos mercadores e estrangeiros que passavam pelos ditos concelhos ora vendam e comprem ora nam sem teer forall» e, além disso, cobrava «maiores comthias em trez dobros do que se levava nos lugares honde avia forall» e «lhes tomava as roupas e palhas e ervas» e «os fazia servir com os corpos e bestas e carros e os fazia a êlles e as mulheres e filhos tusquinhar e maçar os seus linhos sem lhes pagar dinheiro algum e se lhes nam faziam os ditos serviços os prendia e penhorava e lhes levava aquelas penas que queria e lhes fazia acarretar e levar os fóros e rendas que lhe aviam de pagar ao paço onde morava. .» e mais que «deviam pagar quatro alqueires de trigo de fogasa cada lavrador pela medida velha e o dito reu lhe os levava. pela medida nova que eram cinco alqueires e meio» que os moradores de Bolfiar «tinham seus casais patrimoniais com seus soutos e salgueiraes que êle «lhes tomara os ditos soutos e salgueiraes e lhe tornara a aforar» ; que deviam pagar 16 réis por uma espádua de porco e agora pagavam 50; que, pelos foraes dos lugares próximos, em caso de haver cheias que levassem as sementeiras se não pagavam fogaças e êle os obrigava a pagar. E por essas e outras razões, os possuidores de 9 casais de Casal de Alvaro e mais 7 no seu limite que era Bolfiar, alcançaram, apesar da defesa apresentada pelo donatario, sentença favorável de D. Manuel, em Lisboa, a 11 de Julho de 1503, que havia de servir de base ao futuro foral.

Se o pequeno Casal de Alvaro assim procedia, Agueda não podia fazer o mesmo se, porventura, não se sentisse comodamente instalada dentro do seu papel de termo da vila de Aveiro ?

Certamente que sim.

Mas Agueda não devia a sua prosperidade a agricultura, mas sim ao comércio e á indústria, como atraz se vê, e resalta da qualidade dos seus moradores, que, por isso, despresavam a condição de municipes, que os não isentava de pagar a finta e dos outros encargos do concelho, para se acostarem ao previlégio rial, que lhes oferecia essa garantia com tal facilidade e abundância, que se tornava impossivel encontrar em Agueda quem servisse cargos publicos, como consta das queixas feitas nos capitulos de Aveiro, nas côrtes de Evora em 1451. (História da Sociedade em Portugal no século XV por A. S. S. Costa Lobo pag. 560 e 164 a 166). E eis a razão por que Agueda, desde tão remota data a mais importante e populosa terra da sua região, nunca foi concelho, emquanto os valores sociais se não mudaram.

Novembro de 1932

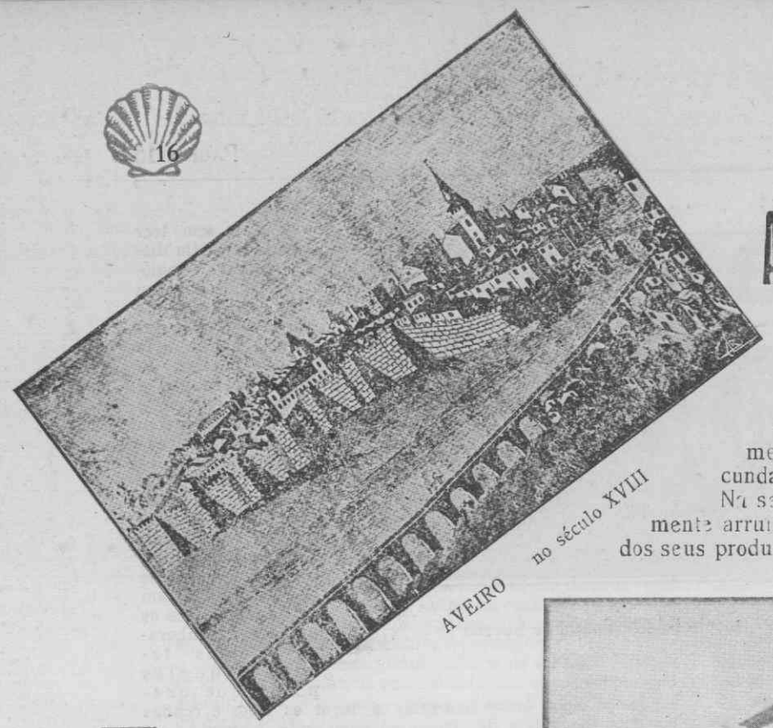
Conde da Borralha

Para excursões na Ria e arredores, planos de vilegiatura e visitas completas à região de Aveiro, consultar

A Comissão de Iniciativa de Turismo

Séde: Paços do Concelho — Aveiro *que presta todos os esclarecimentos.*

As vias de comunicação do distrito de Aveiro



AVEIRO no século XVIII

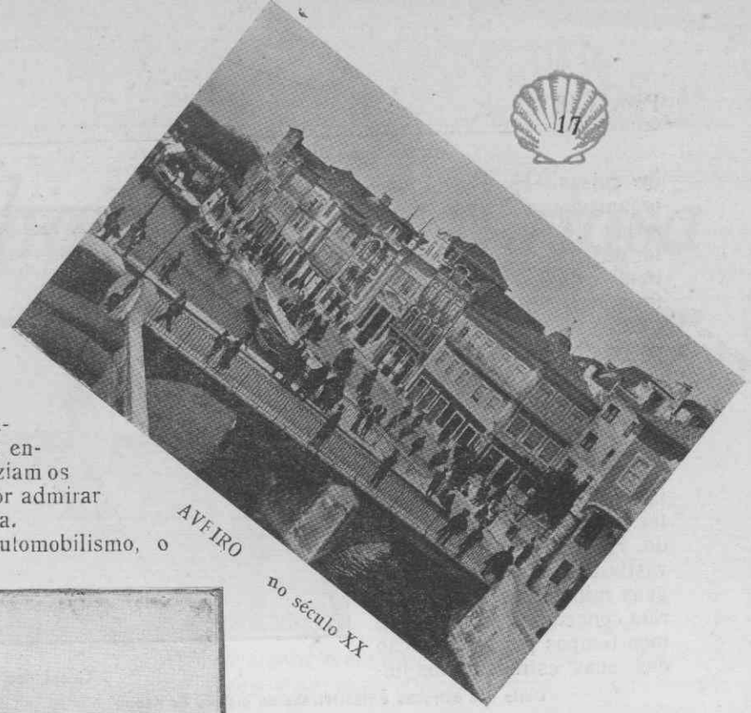
Nos concelhos banhados pela ria, de população densa, estradas péssimas, assentes em ruim terreno, dificultaram extraordinariamente a sua actividade prodigiosa e fecunda.

Na serra, vias de comunicação profundamente arruinadas, obstavam á rápida circulação dos seus productos e dos seus habitantes, a qual se fazia com imensa dificuldade e graves riscos.

Aveiro, a linda e bem situada capital, corria o risco de se ver isolada, tal o estado de ruina em que se encontravam as artérias que a ela conduziam os seus numerosos visitantes, anciosos por admirar a sua beleza tão justamente apregoada.

O intenso desenvolvimento do automobilismo, o transito enorme de veículos transportando cargas pesadas em estradas que não possuiam as condicções tecnicas indispensáveis e a insuficiencia de verbas consagradas á nossa rede de viação ordinária, provocaram um estado de ruina impossivel de descrever.

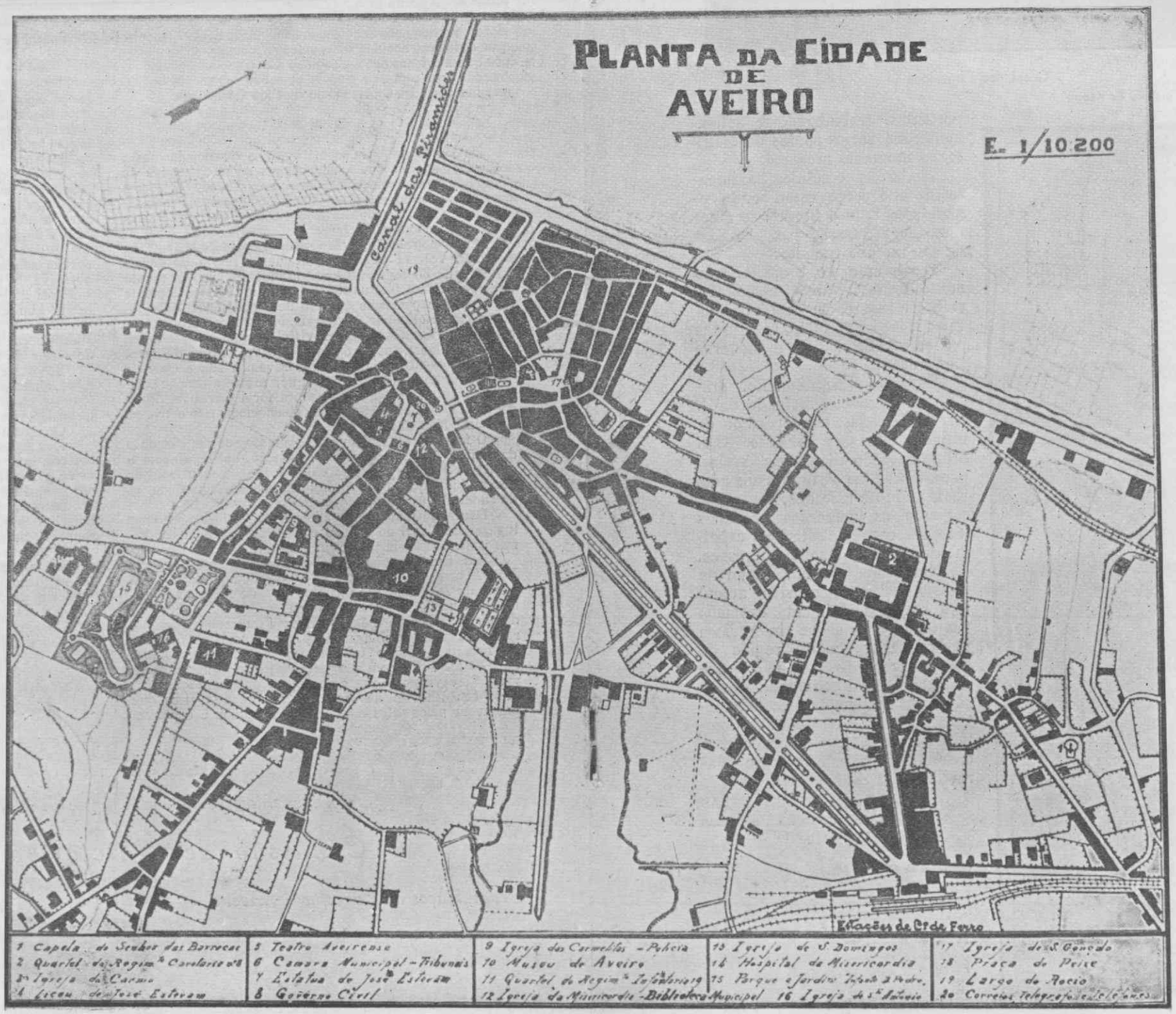
A acção rápida, enérgica e brilhante da Junta Autonoma de Estradas pôs um dique a este estado



AVEIRO no século XX

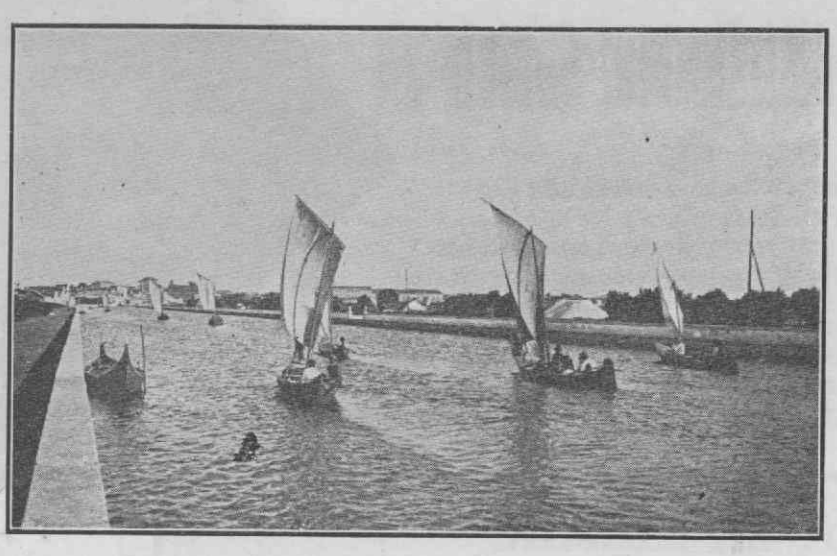
Emaranhada, caprichosa e algo extensa a rede de estradas que, de Norte a Sul e de Nascente a Poente, sulca e retalha este adorável pedaço da terra portugueza.

Colossal o movimento que se observa neste vasto e outrora tão mal cuidado sistema circulatório em quási todas as épocas do ano, imprimindo-lhe uma vida intensa, curiosa, repleta de encanto.



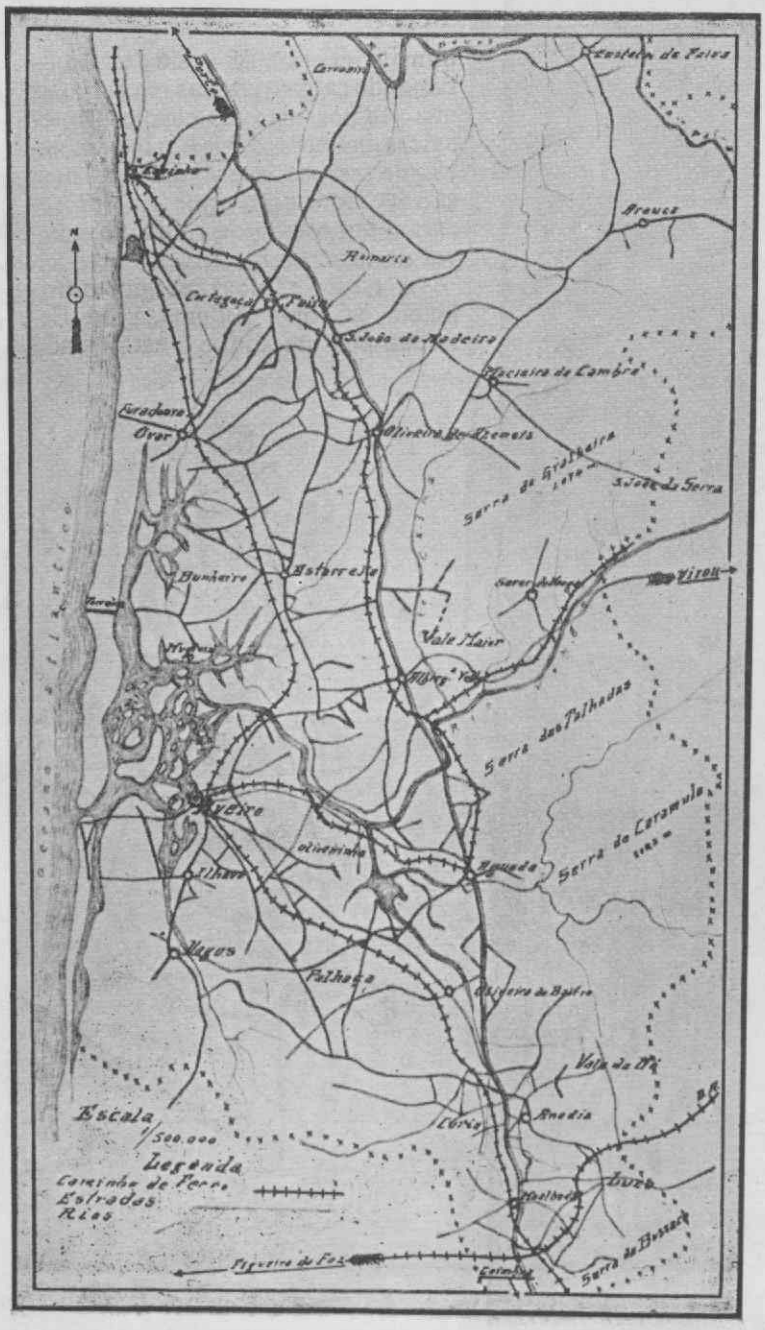
de coisas. Hoje está este organismo realisando, duma forma grandiosa, no distrito de Aveiro, um largo e bem estudado programa de trabalhos, tendentes a modificar, n'um espaço de tempo relativamente curto, toda a sua rede de estradas classificadas.

Há já um grande numero de kilómetros de estradas reparadas, permitindo fazer comodos e interessantes percursos de modo rápido. Há também uma obra vastissima entre mãos. Alguns milhares de contos foram concedidos nestes ultimos tempos para reparação das suas estradas mais importantes, trabalhando-se activamente em vários pontos do distrito, no momento presente.



Canal das Piramides

Carta das estradas e vias-férreas do distrito de Aveiro



Modernos e sólidos pavimentos de alto preço, estão sendo executados com o fim de se obter uma longa duração para estradas de tão intenso transito.

Igualmente se projecta, para muito breve, a substituição das velhas e inestéticas pontes de madeira das suas principais estradas por outras de sólida e moderna construção.

Estamos presentemente, graças á admirável actividade da J. A. de Estradas, n'um periodo de trabalho intenso e fecundo. Num futuro breve, o distrito de Aveiro, poderá orgulhar-se de possuir uma vasta rede de estradas, reparadas segundo os modernos preceitos técnicos, capaz de satisfazer cabalmente a t dos os seus interesses.

Nesta data o turismo, factor de indiscutivel valôr na vida actual terá o desenvolvimento desejado por todos os que se interessam por esta encantadora região de belezas inenarraveis e tão pouco conhecidas e, a actividade incansável dos seus numerosos habitantes, poderá desenvolver-se exuberantemente, enriquecendo com o seu trabalho esta terra de Maravilha e de Sonho.

MONIZ DE FREITAS
ENG.º DIRECTOR DE ESTRADAS
DO DISTRITO DE AVEIRO

(Desenhos de Dias da Silva)

Cinturinhas da Murtosa

Cinturinhas da Murtosa
Que há muito a fama celebra,

Cinturinhas da Murtosa
E' coisa misteriosa
Como é que o vento as não quebra...

Cinturinhas da Murtosa
São feitas de quase nada..

Não ha cravo, não ha rosa
De leveza mais airosa,
Mais fina, mais delicada!

Vira que vira, lá vão
Sem descanço, nem canceira

Ao «banho» de S. João
E ao S. Paio da Torreira,
Ultima festa de v'rão ..

O sol na areia dardeja
E não param de bailar!

Mordem-se as vêspas da inveja
E as meninas de Estarreja
E as donzelinhas de Ovar.

Feche-as num abraço estreito
Quem as pretenda medir,

Mas faça isso bem feito,
Proceda com graça e geito
Quando não, pode-as partir ..

Cinturas delicadinhas,
Mede-as quem as abraçar,

Cinturas delicadinhas
Quem fôsse o abraço das vinhas
Que cinge sem molestar!...

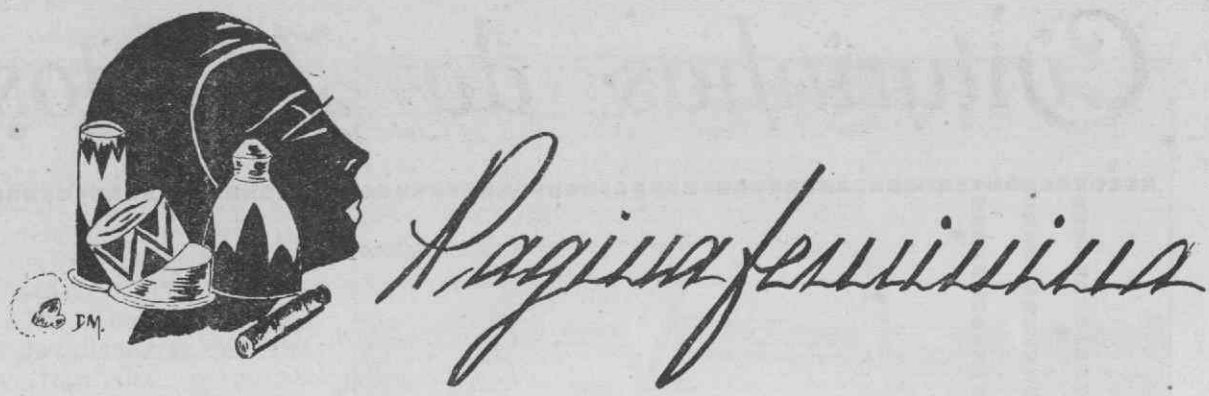
Cinturinhas da Murtosa
Mede-as quem as abraçar,

Cinturinhas da Murtosa,
Abraça a gente uma grosa,
Sobeja muito lugar!

AUGUSTO GIL

Do Livro «Avena Rustica»

Desenho de Dias da Silva



Porque não crês?

NÃO chores. Porque te aborreces? Sim... Bem sei... A vida ser-te-ía menos dolorosa, se tua mãe tivesse compreendido que as crianças são flores que mais tarde murcham se a Fé lhes falta. Compenetra-te que sem ela, a felicidade te será um dia pesada. Inunda com ela os que te rodeiam, e, um dia bemdi-la-ás, sentindo os teus animados por ela.

Porque não crês? Vem vêr. Alonga a vista pela Natureza além...

Não vês? a luz a iluminar as almas. O inverno a sorrir acariciado pelo sol que a pouco e pouco desaparecé no horisonte.

Os últimos reflexos rastejam afagando a terra numa despedida lenta e terna. O crepúsculo sucede-se, cheio de poesia, de belesa silenciosa e quêda, para aqueles que num desvio da vida elegante, se absorvem a contempla-lo.

Não menos belo se patenteia aos olhos dos pobres que ao findar do dia com o coração absorvido numa sã felicidade, repousam, sentados à porta, na contemplação ingénua do Grande Quadro.

«Maravilhas de Deus Nosso Senhor» atrévem alguns com o receio de quebrar o silêncio que passa ..

E, assim, esperam sem aquela descrença que nos torna crueis, com a Fé que nos ensina a perdoar, felizes pela animadora esperança — sonho que o presente nos veda pela visão futura dum bem que nos sorri, duma felicidade que ao longe nos alenta a proseguir, em paz na vida.

Não vês a Terra, a belesa criadora do Sol, a sumptuosidade das grandes hecatombes, a imensidade infinita, os seres, as cousas, o progresso, o recanto familiar de cada um de nós, e, lá no alto, em cima, o campanário da nossa pequenina ermida a lembrar-nos a pura devoção das almas que sem desalentos, percorrem a vida e depois desaparecem, para sempre?

Não chores. Crê. Absorve-te numa religiosa esperança pelos teus. Resa que a benéfica calma descerá ao teu espírito, e, então, sentirás o conforto das consciências tranquilas.

Sonha! que a ilusão amparar-te-á, e, resa, resa sempre numa mística admiração pelo Desconhecido.

Santarém, 18-11-932.

DESENHO DE DANIEL DE MACEDO

CRISTINA TEIXEIRA GOMES

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Oliveira de Azemeis

CONVIDADO a escrever ácerca da minha adorada terra—Oliveira de Azemeis—no «Shell News», o meu primeiro pensamento foi fazer-lhe a História, ou descrever-lhe as belezas naturais.

Desisti, porém.

E desisti, não porque a minha linda terra não tenha logar condigno na História de Portugal, como demonstrei nos «Anaes do Municipio de Oliveira de Azemeis»; não porque deixe de possuir belezas naturais de superior quilate e de variado aspecto; mas porque me pareceu serem duas coisas descabidas, numa publicação dêste genero.

Preferi, pois, traçar algumas linhas ácerca das condições especiais, de ordem economica e social, que preparam Oliveira de Azemeis para ser uma terra progressiva e para ter, portanto, um futuro muito auspicioso.

A iniciativa e o esforço dos seus habitantes tem feito do belo torrão um centro de actividade que, desde longos anos, ocupa um logar de destaque no meio industrial.

Desde o seculo XV, ali se instalou a industria vidreira, sucessivamente mais desenvolvida e outrora rodeada de regalias e privilegios dos monarcas o dos poderes publicos.

Hoje, são variadas e de bastante importância outras industrias que vícejam em Oliveira de Azemeis.

A proximidade da cidade do Porto, à qual está ligada por caminho de ferro e por magnifica estrada, garante-lhe tambem vantagens consideráveis.

Que resta, pois?

Resta integrar, o mais possível, a vida oliveirense na vida daquele grande centro de actividade do norte do país. Assim se está fazendo, por toda a parte, até em relação a povoações mais afastadas dos gran des centros, do que do Porto está afastada Oliveira de Azemeis.

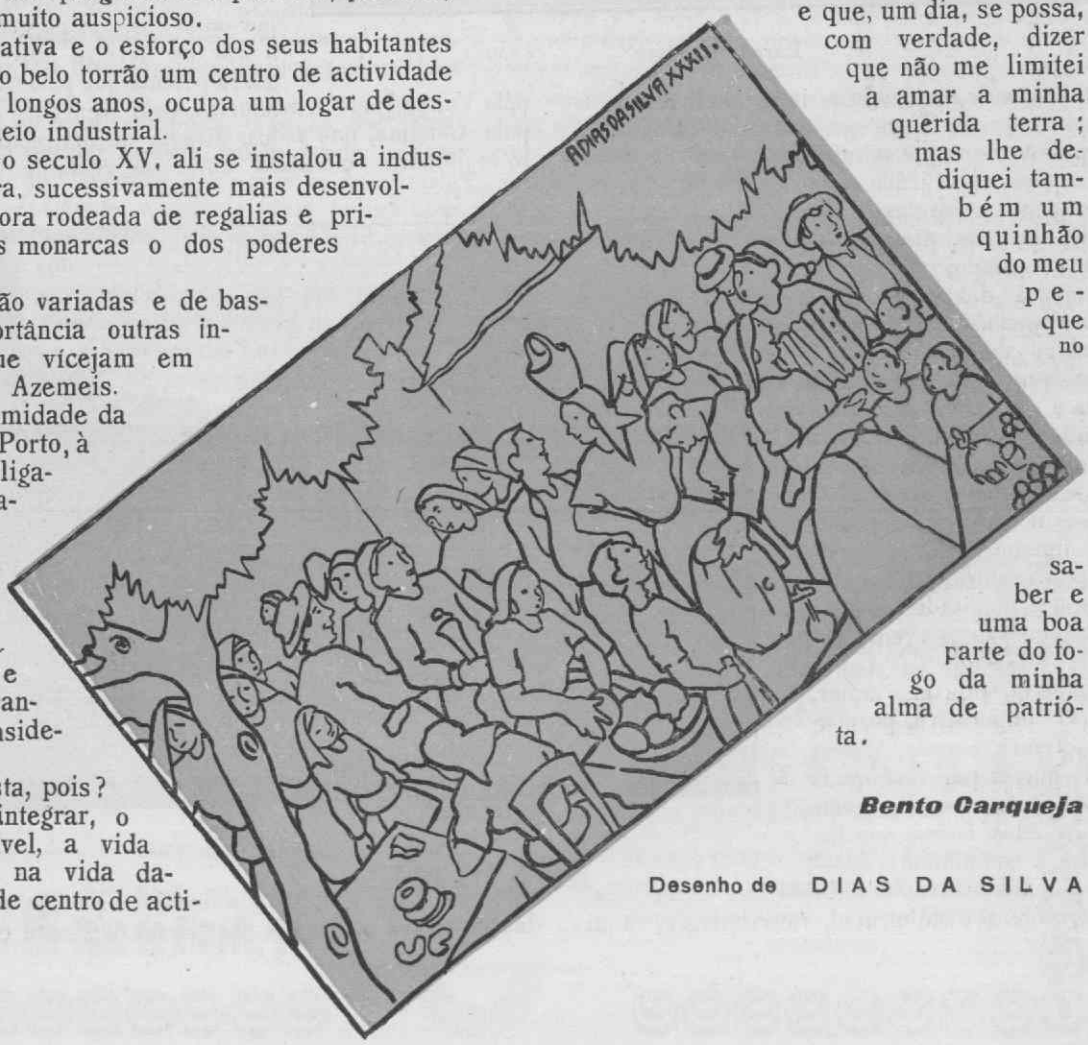
Como professor que fui, durante 46 anos, tenho obrigação de compreender o que deixo afirmado, na convicção profunda de que os meus conterrâneos daqui a 50 anos, ou antes, ainda, hão-de dar-me razão e hão-de reconhecer que as minhas afirmações não obedecem ao afincado amôr que tributo à terra onde nasci.

Não é com sentimentalismos ôcos que se estudam hoje e se consegue resolver os problemas de ordem social: Estudam-se e resolvem-se observando os factos e aplicando-lhes o criterio adoptado pelos homens de ciência.

Só assim as previsões terão base e essa base será firme.

Oxalá que eu acerte e que, um dia, se possa, com verdade, dizer que não me limitei a amar a minha querida terra; mas lhe dediquei também um quinhão do meu pequeno saber e uma boa parte do fogo da minha alma de patriota.

Bento Carqueja



Desenho de DIAS DA SILVA

Aveiro e as suas serras

A'guas e todo o seu reino de esmeralda e opala; ondas, leves como o vento, marulhar discreto e embalar pausado; nuvens irisadas, sonhos alados do

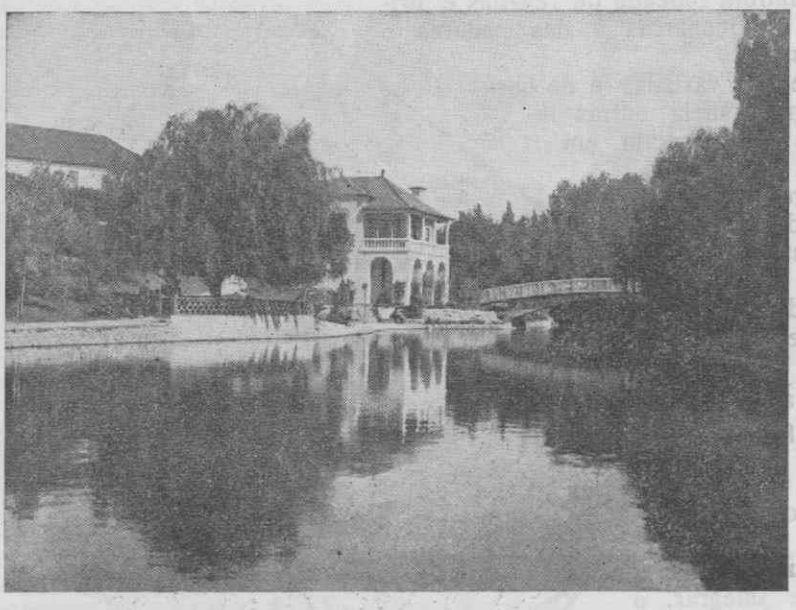
Barco Moliceiro

fluir da luz; aves, cortando a imensidade dos céus e acordando-a, com seus queixumes de timidez e amor; plainos verdes e salinas rasas, o sal aos montes, imaculado, purificado, cristal de brancura a estrelar o chão; lidar dos homens, placidamente, lento e calado, tal qual a maré cresce devagar: — tôdo o cortêjo e tôdo o encanto e suave afago dessas deidades e das suas bençães, tudo nos toca e chama e o ouvimos e o vemos no retinir das sílabas breves que o invocam, se singelamente dizemos, «Aveiro».

A isto nos habituou e afeiçoou a imemorial presença de uma natureza deliciosamente materna e a plenitude com que à sua fascinação nos entregamos.

E, todavia, em tanto amor, tão justo e imperativo, porventura haveremos pecado, desconhecendo que, a par das àguas e nelas se envolvendo, Aveiro tem as suas serras que lhe fortalecem e completam e adornam, esplendidamente, a sedução das àguas. Estranho consórcio e admirável, raro milagre, aqui se juntaram e vivem em paz a graça e a fortaleza, e os titans, em enlêvo e beatitude ouvem as sereias; e as sereias avistaram na montanha os seus titans e correram a abraçá-los em profusas carícias misteriosas.

Quem atentamente olhou para as àguas de Aveiro e lhes preguntou pelo seu ser de vida e formosura, logo reconhece e recorda que algures o lago se fechou entre as montanhas e é seu prisioneiro, e alem se perde em vagos horisontes, infinitos, sem relêvo, mas em Aveiro as águas da laguna são protegidos por um diadema de montes que ao oriente se confundem numa intimidade que, àguas e montes, depressa e totalmente os convertem numa só entidade de beleza, com diversos atributos e uma só alma a inspirá-los. Como invertendo o curso dos ribeiros, que entrassem a subir por onde descem, parece que a ria de Aveiro abre uma garra potente que pelo Caima, pelo Vouga, pelo Alfusqueiro, pelo Agueda e ainda pelo Cértima, que todos, directa ou indirectamente se juntam no Vouga entre as ribas de Eirol,



Parque da Cidade

apreende e faz seus tôdo o declive e picos e vales das vertentes ocidentais das serras de Freita e das

AVEIRO

Grupo de Salineiras

Talhadas e do Caramulo e do Buçaco. Pertencem-lhe, à ria de Aveiro; nos seus tentaculos se enleiam e estreitam, numa proximidade da qual só agora, pela rapidez dos transportes modernos, temos clara consciência.

Quando se achar completa, — pouco lhe falta, — a estrada que por Agueda, vai de Aveiro a Tondela, o cimo do Caramulo é um passeio de Aveiro, para ser aproveitado e gozado, sem fadiga nem maior freima, nas curtas horas de um dia de primavera, de sol a sol.

Hoje mesmo, e não é cousa que por mim não haja verificado, para visitar na serra da Freita S. Pedro-o-Velho, e a Senhora da Laje e a cascata da Misarela, a mais alta do nosso país, quem sair de Aveiro de manhã e fôr acompanhado da modesta coragem de andar a pé vinte kilómetros, antes do pôr do sol estará na casa, donde partiu, entretanto havendo contemplado as maravilhas de tal digressão, — entre as quais teremos de contar o vale do Caima que pelo seu arvoredo se tem tornado de um pinturesco alpestre divinamente consumado.

Neste sistema de conjugação das águas de Aveiro com as suas serras, adjacentes e integrantes, Agueda será para o devoto que no templo quiser entrar um centro incomparável de irradiação, o postal magnífico de muitos e explêndidos domínios em que sob mil formas a beleza impera. Pelos caminhos que enfeixa, pelos quais tanto nos desce ao mar como nos cava a escada para subir aos montes, Agueda é como o eixo de um leque que, mediante igual esfôrço nos faculta a penetração na serra de Arouca, ou nas Talhadas, ou no Caramulo, ou no Buçaco, e, se mudarmos de rota, nos leva á praia do Atlântico, para qualquer lado nos encaminhando à presença de monumentos e maravilhas, erguidos uns pelo génio da natureza, lavrados outros pela tenacidade e arte do engenho dos homens.

Todos esses bens, as serras como as águas, são riquezas de Aveiro; encorporam-se no dote que a Deus devemos e, louvando-o, a Deus agradecemos, considerando-o e amando-o nas suas muitas faces.

Jaime de Magalhães Lima

Use sempre peliculas

Perutz

que são as de maior latitude, as melhores.

82, Rua Nova do Almada, 84

ROIZ, LIMITADA

Não se esqueça de que os papeis

ILLINGWORTH'S

são de fama mundial

Temos tudo o que V. Ex.ª precisar em aparelhos fotográficos, cinematográficos e respectivos acessórios

PORTO DE AVEIRO

POR

HOMEM CRISTO

DESEJA-SE um artigo meu sôbre as obras do pôrto de Aveiro. Mas eu tenho escripto tanto sôbre isso que não me ficou nada para dizer a tal respeito.

Que a conclusão d'essas obras trará um grande futuro á região e á cidade, não ha que duvidar.

Aveiro foi grande, tornando-se uma das mais importantes povoações de Portugal, enquanto o seu pôrto esteve em boas condições. Quando ele peorou, Aveiro caíu, e caíu tanto que de 14 a 15.000 habitantes que tinha nos séculos XV e XVI, com 2.500 fogos, passou a ter 3.000 com 900 fogos, e quási todos os seus predios em ruinas, nos principios do século XIX. O simples facto da Barra ser fixada no ponto onde hoje está trouxe a resurreição da cidade. Esta começou de novo a progredir, lentamente sim, mas n'uma constante continuidade, que se não desmentiu até agora. Tenho dito várias vezes que esta nova cidade, pois póde-se considerar uma nova cidade, data do dia 3 de Abril de 1808, dia em que se abriu a nova Barra. O milagre da sua resurreição deve-se a um simples molhe, o molhe sul, a unica parte do grandioso projecto do eng. Luiz Gomes de Carvalho que veio a realizar-se. Se tôdo o projecto, retocado em seguida pelo notável eng. Silverio A. Pereira da Silva, tem sido pôsto em execução, Aveiro haver-se-hia tornado nos 124 anos decorridos de 1808 a 1932, uma grande cidade. Completam-se agora essas obras? Sucede-se á construcção do pôrto exterior, a Barra, o pôrto interior de Pesca e Comercio? Em cincoenta anos, Aveiro obterá, e com ela toda a região, um explendido progresso. Que os seus filhos o saibam compreender, vencendo o caciquismo que a tem perdido, são os nossos maiores desejos.

ALBERGARIA VELHA

ESTA terra não tem raizes nos recuados tempos da velha Lusitania, nem a história regista os feitos d'armas, as cutiladas famosas, viagens ou descobrimentos, em que ardidamente colaboraram os nossos trisavós, como tantos herois desconhecidos e anónimos, sacrificados pela Pátria.

A nossa origem, cujo certificado está no proprio nome—Albergaria—, honra-nos, e todos nós procuramos manter essa tradição de gente hospitaleira.

Os fundamentos d'esta povoação foram lançados pela rainha D. Tereza, mãe do nosso primeiro rei, em 1117, com a carta de privilégio concedida a Gonçalo Eriz, e em que lhe coutava a sua vila de Osseloa (hoje Assilhó. Até 1848 designava-se Silhó), a que adicionava vastos terrenos circunjacentes, confinando com Terras de Santa Maria (Feira) onde a carta foi assinada.

Esta carta de Couto de Osseloa foi dada com o fim, bem expresso, de se instituir e prover ao sustento de uma albergaria próximo da estrada que vinha do Porto, ponto escolhido de preferência pelos salteadores, que ali usavam roubar e matar os transeuntes.

Esta instituição era destinada não só a agasalhar e alimentar os doentes, mas, e especialmente, a refugio dos viandantes, que se viam perseguidos pelos bandos de malfeitores de toda a especie, que infestavam o país naqueles rudes tempos medievaes.

O primeiro albergueiro, e logo nomeado na carta, foi Gonçalo de Cristo, filho de Gonçalo Eriz, incumbindo a este ou a seus herdeiros nomear os futuros albergueiros. (1).

Sobre esta carta de Couto diz Gama Barros (2):—

«Quanto a Gonçalo Eriz, os monteiros que «no termo da vila de Osseloa matarem veados «dar-lhe-ão os lombos e a quarta parte; da cor«ça e do gamo darão os lombos, mas sendo em «terra cultivada a metade; do urso as mãos etc.;

Como se vê a fauna da região era rica em caça grossa, de que dá testemunho esse notável documento. E dizemos notável não apenas pelo facto particular de constituir a nossa certidão de batismo, mas pelo valor histórico, que lhe atribue Alexandre Herculano, apontando-o como sendo o primeiro em que Portugal figura com o titulo de reino. (3)

Assim lançada a primeira base, foi lentamente crescendo o povoado, e aglomerando-se as edificações modestas, á sombra e sob a protecção valiosa da albergaria e do poderoso donatario do couto, senhor já da visinha vila de Osseloa.

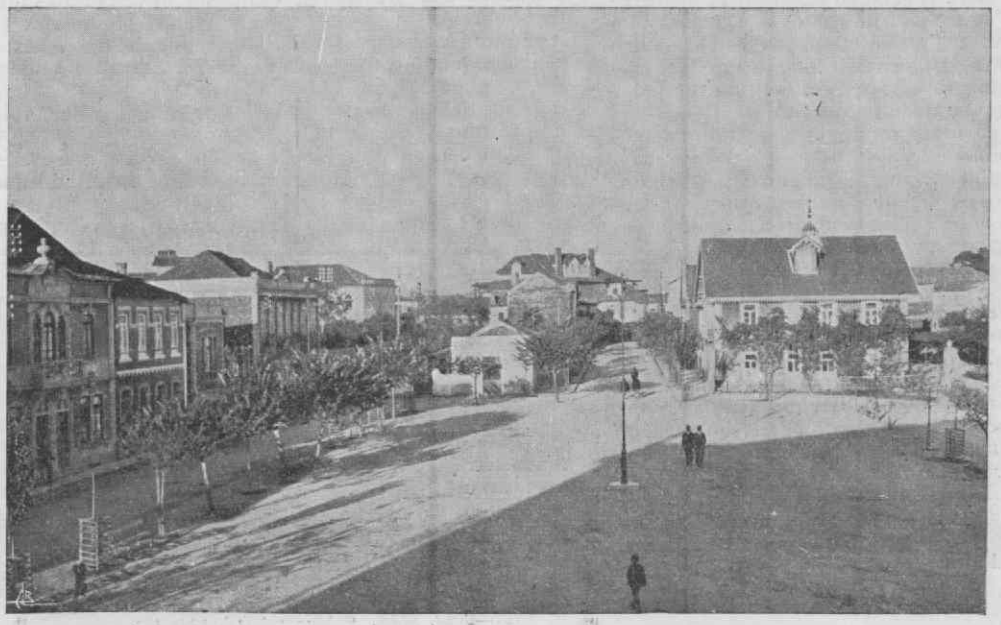
A antiga casa da albergaria, e que não era, claro é, a primitiva, foi demolida em 1905, e da sua frontaria deslocada uma lápide do século XVII, depois incrustada no edificio dos Paços do Concelho, a qual continha estes dizeres, em caracteres e ortografia da época:

Albergaria de pobres e passageiros da Rainha D. Thareja, com 4 camas e 2 enxergões, e esteiras, lume, agua, sal, fogo e cavalgaduras, e esmola e ovos ou frangos aos doentes.

Atravessando alguns séculos sem ocupar logar de relevo, pois se limitava a ser sêde de uma freguesia sufraganea da de Vale Maior, em que a nomeação do pároco pertencia ao Convento de Jesus, de Aveiro, só depois de batida pela tempestade revolucionaria das lutas liberais, é que começou a assumir um papel de alguma preponderancia, e tendeu abertamente para a conquista da sua independencia eclesiastica e administrativa, sob a influência decisiva de corifeus liberais nossos patricios.

Em 1828 emancipou-se, como freguesia, da tutela de Vale Maior; —em 9 de Outubro de 1829 foi enforcado na Praça Nova do Porto o nosso jovem patricio João Henriques Ferreira, condenado pela alçada miguelista como um perigoso elemento liberal;—a esse tempo vagueava foragido seu irmão Dr. José Henriques, que depois emigrou para a Inglaterra.

A nossa terra fazia parte do antigo concelho de Paus, que tinha as diversas repartições dispersas pelos lugares de Paus, Ameal e Beduido. Em 1837, pela victoria do



ALBERGARIA-a-VELHA — Praça do Municipio

partido setembrista, foi nomeado administrador Geral (equivalente a governador civil) d'Aveiro o nosso patricio Dr. José Henriques Ferreira, que, d'acordo com seu irmão António Augusto, dicidiram reunir um grande numero de pessoas armadas que fossem arrebatar toda a papelada do Concelho de Paus, e a trouxessem para aqui. Assim o fizeram em Dezembro de 1837, procedendo-se logo á nomeação da Camara e do Juiz, e realisando-se a primeira sessão em Albergaria no dia 8 de Janeiro de 1838, assim se mantendo até 12 de Maio de 1842, data em que passou novamente o concelho para Paus, em consequencia da victoria dos Cabares, de que era acerrimo partidário o insigne jurisconsulto dr. José Correia Miranda, então residente em Alquerubim.

A ultima sessão da Camara de Paus realizou-se em 12 de Maio de 1846, porque a papelada tornou então definitivamente para esta vila, por virtude da victoria da Patuleia.

Não ha qualquer disposição legal que transfira a séde do concelho para Albergaria, limitando-se os poderes publicos a acatar tacitamente as resoluções um pouco arbitrarias dos Povos.

Marques Gomes iludiu-se ao afirmar que o concelho de Albergaria foi creado por decreto de 18 de Março de 1842. (4)

Esse decreto aprovou o código administrativo, que trazia anexa a lista dos concelhos existentes, um dos quais era o de Albergaria. Mas pouco depois, no mez de Maio d'esse ano, regressou a Paus pela mesma maneira porque de là tinha saído em 1837.

O engrandecimento d'esta terra foi-se acentuando, e recrudesceu por ser ponto obrigado de passagem de Vizeu a Aveiro e de Lisboa ao Porto. Em 1886 foi creado o julgado municipal, convertido em comarca em 20 de Setembro de 1890, passando a ser uma vila de rasoavel importancia.

A nossa terra fica encravada na região mais bela do paiz, pois não lhe falta vegetação luxuriante, nem trechos de montanhas agrestes, nem bastos arvoredos, nem terras fundas de varzea ou enlodadas pelas cheias dos rios, nem os balsamicos sinceiraes onde o rouxinol modula os seus trinados vibrantes, nem o clima temperado que nos dá a proximidade do oceano.

Este conjunto vário de maravilhas quebra a monotonia e o enervamento que nos produziria uma região vasta onde predominasse um só d'aqueles aspectos. Talvez por isso mesmo é que, aqueles que uma vez aqui pousam, sentem-se enlevados com a riqueza e diversidade de panoramas, e ao partir levam consigo a funda saudade, que aqui de novo os impele.

Ao atravessar-se os macissos de pinheiraes que nos rodeiam, a alma entristece, mas volta á vida, alacre e feliz, ao topar, logo além, com os campos verdejantes e pomposos, bordados de latadas baixas,—ou com as margens do rio Vouga, que vai lentamente serpeando, por entre as sombras de soutos e devezas visinhas,— ou, levantando um pouco a vista, com montes, agrestes, de grande altura, denunciando a nossa ridicula pequenez.

Supomos, todavia, que não é só isso que prende os nossos visitantes. Ha de ser também a nossa sincera hospitalidade, e, mais que tudo, o olhar enfeitiçado das nossas mulheres, e o sorriso insinuante pronto a disparar sobre o desprevenido forasteiro.

A riqueza d'esta vila reside, principalmente, na abundância das suas matas de pinheiros, semeados com largueza ha mais de 70 anos, por iniciativa de homens inteligentes, como eram o comendador José Luiz Ferreira e seu irmão o alferes Manuel Luiz Ferreira.

Foram estes nossos patricios que se arrojaram a montar a fabrica de papel em Val Maior, hoje da Companhia do Papel do Prado, que se acha em plena laboração, empregando centenas de operarios e consumindo bastantes pinheiros.

Ha 45 anos fundou-se, á margem do rio Caima, no Carvalhal, uma fábrica de pasta de madeira para papel, consumindo, como materia prima, os nossos pinheiros, que foram desbastados em proveito da riqueza publica, e que davam logar a novas e constantes sementeiras.

Esta fabrica está hoje consumindo, em larga escala, o eucalipto, aproveitando só os de dimensões médias, o que constitue uma nova fonte de riqueza para os proprietarios, e tambem para as centenas de operarios que emprega.

E' a unica no paiz.

Aqui perto, na Branca, ha uma excelente fabrica de ceramica, para o fabrico da telha franceza e de tijolo de todas as dimensões, pertencente hoje á Empreza do Fôjo.

Uma industria, ora em plena decadencia, e que foi aqui muito florescente, era de telha mourisca, cosida em fornos primitivos, cavados no chão e que se estendia nas *eiras* a assoalhar.

Não devemos encerrar este capitulo sem uma referencia especial á Fundição Albergariense, de que é proprietário e tecnico o sr. Augusto Martins Pereira, e que é um estabelecimento modelar no genero, não só pela primorosa execução dos seus trabalhos, mas ainda pelos novos produtos que apresenta no mercado, e todos da invenção do sr. Martins Pereira.

Albergaria Velha pertenceu ao concelho d'Aveiro, e constituia uma Ouvidoria, composta dos seguintes lugares: Sobreiro, Silhó, Frias, Vale Maior, Monqueira (ou Mouquim?), Samarcos, Fontão. Rendo, e Samarcos de Baixo, segundo a *Corografia* do Padre Carvalho, onde se lhe apontam 521 fogos. Isto em 1700.

Em 1828 ainda pertenciamos ao concelho de Aveiro, e aí se conservou até 1833.

Pelo censo da população de 1864 tinha esta freguesia 530 fogos e 1.948 habitantes, e todo o concelho, com a actual área, 2.890 fogos e 11266 habitantes.

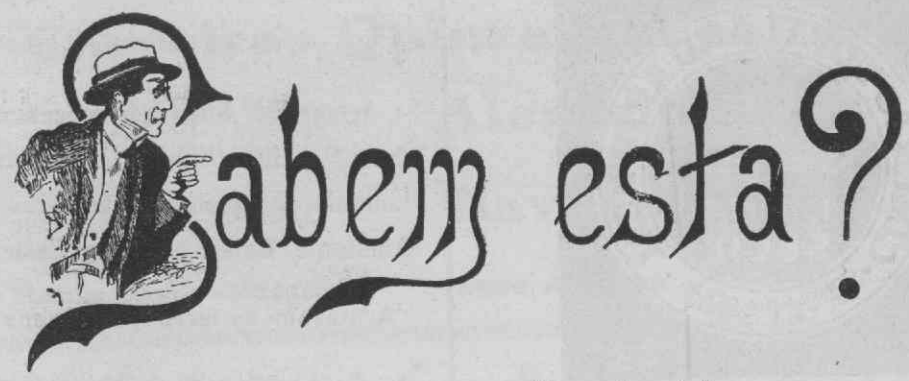
Pelo censo de 1900 a população da freguesia elevava-se a 2.761 habitantes, e a do concelho a 13.256 h..

O ultimo censo, de 1930, acusa 849 fogos para a freguesia e 3.353 habitantes; e para o concelho 4.014 fogos e 15 293 habitantes.

Uma vez aqui chegados reparamos em que não haviamos feito a menor alusão ás águas da fonte da Telha, que teem o condão de prender, para sempre, a este abençoado torrão, todos os que ali vão dessedentar-se. E tantos teem eles sido!...

António de Pinho

(1) — A carta de Couto de Osseloa foi publicada a primeira vez em 1810, nas *Dissert. Choronol.* de João Pedro Ribeiro, vol. 1.º pag. 243, doc. n.º 36.
(2) — *Hist. Adm. Publica*, vol. 1.º, pag. 150.
(3) — *Hist. de Portugal*, 1.º vol., pag. 244.
(4) — *O distrito de Aveiro*, pag. 63.



— Que aprendeste hoje de novo na escola? pergunta a mãe do Joãosinho.

— Aprendi que a terra é redonda.

— Mas isso não é novidade. Já Cristovão Colombo o sabia!

— Pois sim! mas não sabia eu.

■ ■ ■

Num exame:

— O que vem a ser patrimonio?

— O que um pai deixa aos filhos pela morte.

— E se fôsse a mãe que deixásse?

— Seria matrimonio.

■ ■ ■

Um caçador falando das suas proezas, contava que com um canivete havia cortado a cauda a um feroz leão.

— A cauda? interromperam-no; e porque não cortou o sr. a cabeça?

— Porque já lha tinham cortado antes!

■ ■ ■

Num exame de desenho:

— O que é a linha?

— E' aquilo com que minha mãe me prega os botões!

■ ■ ■

O pae (que tinha ajudado o filho, a fazer o thema: Então, o que te disse o teu professor, quando lhe mostráste a tua tradução do francez?...

O filho: — disse-meque eu estava cada dia mais estupido.

■ ■ ■

O freguez: — Mas como é que tu meu rapaz, has-de assentar praça, se não vês senão de um olho?

O criado: — Isso que importa? Sempre tem de se fechar um olho para dar um tiro.

Num Restaurant

Um freguez depois de esperar tempo infinito, chama um criado que passa, e diz-lhe:

— Há quanto tempo está você nêste estabelecimento?

— Há apenas seis semanas.

— Então desculpe tê-lo chamado. Ainda cá não estava quando eu pedi o almoço!

(Desenho de Dias da Silva)

Ajustando criada:

— E não tenho que trabalhar na cosinha?

— Com certeza que não.

— Nem que esfregar os sobrados?

— Com certeza que não.

— Nem que ir à porta da rua, quando baterem?

— Com certeza que não.

— Nem que servir à mesa?

— Nada disso; eu não preciso nenhuma dessas cousas, — disse a senhora com o seu mais amável sorriso. — A única cousa para que eu quero uma criada é para olhar para ela; mas para êsse efeito, você não é nada interessante; não me serve.

■ ■ ■

O Pé Leve, conta a morte do pai:

— Era tão sensivel o velhote, que morreu de vergonha quando se viu enforcado.

■ ■ ■

— Quanto quer por êste papagaio?

— Não o dou por menos de duas libras.

— Mas êle fala tão pouco!

— Pois sim, mas a pensar não há outro que lhe ganhe.

■ ■ ■

Numa mercearia:

— Dê-me meio kilo de chá.

— Verde ou preto?

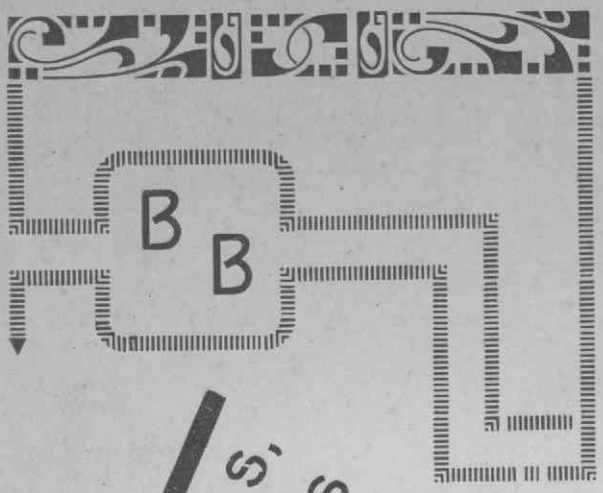
— Não sei! Mas dê-me antes preto que é para uma familia que está de luto.

■ ■ ■

Alguem diz à sogra de um medico: — Infelizmente a medicina não conhece ainda um remedio universal.

— Eu acho que sim, responde ela; pelo menos o meu genra, para qualquer incomodo que eu sinta, receita imediatamente mudança de ares.

338.48
137



MAQUINAS, FERRAMENTAS E APARELHOS PARA A INDÚSTRIA AUTOMOBILISTA

AD. M. ELIAS

Representante de

Baerlein Bros.. Ltd. Manchester

ENGENHEIROS

LISBOA

Largo do Conde Barão, 37

TELEFONE 2 6969

TELEGRAMAS SELFACTING

PORTO

Rua Candido dos Reis, 78

TELEFONE 1834

TELEGRAMAS SELFACTING

F. G. Varela

DROGARIA E FERRAGENS

Depositario dos produtos da Companhia SHELL

Gasolina, petroleo e oleos

Praça da Republica

Caldas da Rainha

Artur & C.ª (Irmão) L.da

SÉDE

Armazens e escritorios--CACILHAS

TELEFONE 41—*ALMADA*

SUCURSAIS

Seixal—Arrentela—Lazarim—Monte Caparica—Cacilhas

Comercio geral de mercearias por atacado e retalho

DEPOSITARIOS

da Shell Company of Portugal. Ltd.: Gazolina, Petroleo e Oleos.—Companhia da Fabrica de Cerveja Jansen, Ltd.ª: Cerveja Jansen.—Companhia União Fabril: Sabões Sulfato de cobre, Enxofre, Adubos, etc. etc.

Deposito de tabacos e fosforos

Fabrica de refrigerantes

CASA FUNDADA EM 1885

José Marques Agostinho, Filhos & C.ª

Telefone 9

ENTRONCAMENTO

Comercio de Vinhos, alcoois, azeites e lãs

Depositarios dos produtos SHELL

Correspondentes bancarios

Oferta da Casa Testa e Amadores.

Telegramas — **Testa**

Telefone n.º **26**

Agentes Bancários e Depositários da "SHELL"

TESTA & AMADORES

Mercearias e Forragens por grosso e a retalho

AVEIRO

Justino Ferreira dos Santos

Oliveira de Azemeis
(Portugal)
Telegramas «Justino Santos»

Agente oficial em todo o distrito de Aveiro dos automoveis e camionetes
Chevrolet, Oakland, Pontiac e G. M. C.

Depositário Central da «SHELL»
Gasolina, Petroleo e Oleos

Unico representante em Portugal dos pianos da acreditada marca «WAGNER» (alemães)

Acessorios, pneus e camaras para automoveis e camionetes

Telefone n.º 11

AUTO LUSITANIA

Alfredo Duarte Ltd.

Depositarios exclusivos dos Rolamentos RIV, Correntes COVENTRY, e Segmentos PIEMONTÉSE

Stock de todos os artigos automobilistas

DESCONTOS DE REVENDA

Avenida da Liberdade, 75, 77 e 79—LISBOA

Teleg.: Autositania **Telef. 2 1311 2 linhas P. B. X.**

ANTONIO MANUEL GUTTIERREZ

Comissões e Consignações

Agente Central da SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LTD.

B E J A

Antonio M. Fadigas

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
Agente Central dos Productos **SHELL**
Gazolina ▪▪ Petroleo ▪▪ Oleos

NOS CONCELHOS DE FIGUEIRA, MONTEMOR-O-VELHO, CANTANHEDE E MIRA

Rua da Republica, 223 a 227

Telefone n.º 181 ——— Figueira da Foz

Fabrica da Borracha Luso-Belga

DE

VICTOR C. CORDIER, LTD.

CASA FUNDADA EM 1898

PREMIADA COM DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO E MEDALHA DE OURO EM VARIAS EXPOSIÇÕES

Unicos concessionarios para Portugal e ilhas da patente STANDARD SUPERMOULDING & C.º, LTD. para supermoldação de pneus

Manufactura geral de borracha flexivel, ébonite e amianto

Escritorio e Fabrica: R. do Assucar – Beato—Lisboa

Deposito em Lisboa R. da Prata, 275-277 — **Deposito no Porto** R. das Flores, 136-138

Tele (FONE 16 (GRAMAS *Gazoleo*

Van-Zeller Palha & C.ª L.da

Vila Franca de Xira

AGENTES DA
SHELL COMPANY OF PORTUGAL LTD.

Em Vila Franca — Alemquer — Arruda — Azambuja

Automoveis e camionetas das melhores marcas

Maquinas agricolas de todas as classes

Tractores Hard Parr

Pneus — Camaras d'ar — Acessorios — Reparações

Archiminio Caeiro

Agente Central da
SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LTD.
na área de Evora

Agente de Vendas da
Companhia União Fabril
Delegado da
SOCIEDADE ABASTECEDORA de TRIGOS

Telefone 101 — ESCRITORIO Rua da Republica, 19 e 21 EVORA

Telegramas: «TRIGUEIRO»=EVORA

Viuva Ferrão, L.da

LATAS

Para todos os produtos e de todos os formatos em

FOLHA BRANCA E LITOGRAFADA

LITOGRAFIA SOBRE FOLHA DE FLANDRES—Consultem a mais antiga e importante casa da especialidade. Fundada em 1859

Rua Cais do Tojo, 35 — **Lisboa**

Guilherme Firmino

Seguros

Despachos aduaneiros e Ferro-viarios
Barcagens no rio Douro e Leixões
Reboques

Escritorio

13, R. da Nova Alfandega, 14
Telefone, 389

◂ PORTO ▸

Armazem de Metais, Ferramentas e Parafusos

de **Manuel Ferreira Cardoso**

49. R. Caldeireiros, 51--Telefone N.º 1843-PORTO

Completo sortido em metais: chapas de cobre, latão, aluminium, metal branco, vergalhões, cavilhas, tubos, arames de cobre, latão e alpaca Ferramentas de 1.ª qualidade para automoveis e outras industrias. Grandes stoks de parafusos de todas as especies: rosca para ferro e madeira. Sortido em artigos de latão acabados: galerias, varões para passadeira, brizes, cabides, torneiras, etc.

: Preços sem compe'encia :

José Ribeiro da Costa, Filho

PAREDES

Agente da **Shell** nos concelhos de: Paredes, Penafiel, Valongo, Paços de Ferreira Louzada, Felgueiras, Marco de Canavezes Amarante, Baião, Sinfães e Castelo de Paiva.

Armazem de ferros, ferragens e tintas

Comissões e consignações

FERRO e AÇO

em todos os perfis. O melhor stock, aos melhores preços.

José Pinto de Magalhães

273 a 237, R. do Almada, 289 a 291 e 307 a 309

Telefone 4012

Telegramas REIFERRO

Porto

Henrique Antunes & C.ª

Borracha, Correias, Empanques

Calçada do Marquez de Abrantes, 23 e 25

Lisboa

Tel. 20712 End. Tel. Asbestos — Lisboa

Amiantos — Correias de couro «Extra-Strong» — Correias de pêlo de camelo «Griffin» — Correias de balata — Correias de algodão — Tubos de borracha — Borracha para todas as aplicações — Mangueiras — Acessórios industriais.

Arnaldo da Silva Tomé

—MAIA—

Gasolina, Petroleo e Oleos Lubrificantes e Combustiveis

Agente Central da *Shell Company of Portugal, Limited*

(Vila de Barreiros) MAIA

TELEFONE N.º 3 — VERMOIM

Serviço de Cabotagem entre os portos do ALGARVE e LISBOA

Carreiras Quinzenais pelos

Hiat--Motor **"Alentejo 1.º"**

e Hiate **"Navegante"**

José dos Ramos Júnior—Moagem, *Faro Algarve* TELEFONE N.º 9

Sociedade Industrial de Transportes, L.da

TONDELA

AGENCIA CENTRAL **SHELL**

Stok completo de todos os acessorios para automoveis

Telegramas: **Automoveis**

Braz & Oliveira

Barcagens, fragatagens, apartações, descargas, estivações, conferencias a bordo e despachos

ESCRITORIO

Cimo do muro da eboleira, 147-148

Telefone, 887

PORTO

Fernando Donato

Armazem de Cereais e Legumes

Rua João Cabreira, 47

Telefone 994

COIMBRA

Auto Garage de J. Leitão & C.ª L.da

Largo das Ameias, 13 Telefone 701 Rua António Granjo, A B C

Garage de recolha com cabines — Gazolinas, Oleos, Acessórios — — Peças Ford e Chevrolet — Pneus e camaras d'ar —

N. B. Esta garage pode ser considerada a mais Central e bem localisada de Coimbra, pois fica a pouquissima distancia da estação de Caminho de Ferro, e junta aos melhores hoteis e pensões. Tem a funcionar no mesmo editicio uma oficina dirijida pelo conhecido mecanico sr. Elidio Pereira de Matos

COIMBRA

Manuel Pereira Matias, L.da

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAIS
E ESTRANGEIRAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, DROGAS
E FERRAGENS

87, 87-A, Rua dos Pedrouços, 89, 89-A
Telefone 52-BELEM
Sucursal—Amadora—Rua Elias Garcia, 219
Telefone 26-QUELUZ

CABRITA & SANTOS, L.DA

Rua Vasco da Gama—Barreiro
Telefone 51

Serralharia mecânica e civil — Fundição de metais, construções civis e navais, soldaduras a autogénio

Fornos «Triumph» para fabrico de carvão, patenteado

Prensas manuais para cortiças, máquinas de espaldar, etc.

Joaquim Antonio Correia Junior

ALCACER DO SAL

COMERCIO GERAL

Agente da «Shell Company of Portugal Ltd» e da União Fabril

Correspondente das Companhias de Seguros «Patria» e «Tagus» e do Banco do Faial
Telegramas CORREIA JUNIOR

Garage ALGÉS

DE JOSÉ BAPTISTA DA FONSECA
CAMIONS E CAMIONETES DE ALUGUER
(Desde 700 a 3.500 quilos)
Transporte de mobilias á hora e por contrato com pessoal habilitado
Encarrega-se de grandes e pequenos transportes de toda a especie, taes como:—Trigo, Peixe, Materiais de construção, Pic-nics, etc., etc.
Depositario central dos productos «SHELL» para os concelhos de OEIRAS E CASCAES
Estabelecimento de venda de acessorios para automoveis e artigos electricos
Rua Major Afonso Pala, 60—ALGÉS
Escritorio e garáge de recolha no seu edificio proprio
Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e ua Ernesto da Silva—ALGES
TELEFONE: ALGÉS 87

Teixeira Lopes & Neves L.da

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Sortido completo de ferramenta para serralheiro, carpinteiro e marceneiro. Especialmente em ferramentas para estradas

Preços especiais para revenda

22, LARGO S. JULIÃO, 23
1, 3 R. NOVA DO ALMADA, 5 e 7

Telefone 25611 - ***LISBOA***

Fabricas Vulcano e Collares

Fundições—Serralharias
Forjas—Caldeirarias
Fogões de sala e cosinha — Sal amandra

Fornos "Vulcano" para pôr sobre Fogareiros a Gaz ou Petroleo

Largo do Conde Barão, 13
LISBOA

Telefone 24061 2 4062

José de Matos Cosme Pereira

COM

Fabrica de Lanificios em Manteigas
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
Gazolina, Oleos, Petroleo
SHELL

Concedo apreciaveis descontos nos lanificios de meu fabrico, aos leitores do SHELL NEWS que se me dirijam.
Envio amostras a quem as pedir e remeterei as fazendas como encomenda postal contra reembolso com inclusão do porte.

Telefone 274 COVILHÃ

João Henrique Trindade, Filhos, L.da

Armazem de Louças de Sacavem, Vista-Alegre e esmaltadas nacionais e estrangeiras, objectos para brindes, etc.
Loja de FERRAGENS nacionais e estrangeiras

Depositarios

da gasolina, petroleo e oleos

SHELL

Telefone 11 **Alcobaça**

Artur José Rebelo de Lima

Despachante de navios e mercadorias e proprietario de navios

Encarrega-se de toda a qualidade de despachos na Alfandega e Caminho de Ferro, do fretamento de navios para portos nacionais e extrangeiros, bem como de regular avarias.

TELEFONES: (Escritório - 977 / Alfandega - 1134

ESCRITÓRIO
Rua do Infante D. Henrique, 101

PORTO

DROGARIA

COSTA, ALVES & C.A

28, Largo de S. Domingos, 30

TELEFONE, 2561 —:o:— Telegramas: DROGUISTAS

★ **PORTO** ★

PRODUTOS QUIMICOS

Especialidades farmaceuticas nacionaes e estrangeiras

ACESSÓRIOS PARA FARMACIA

Completo sortido de artigos de fogueteiro

Tinta, Oleos, Vernizes, Ráfia, Sulfato de cobre, Enxofre, Cimento e Carboreto de cálcio, etc., etc.

Depositarios dos pneus **GENERAL e PIRELLI**

FERRARO & BRAGA

Comissões, consignações e conta própria

AGENTES CENTRAIS DA *Shell Company of Portugal, Ltd.*

Telefone n.º 76

Vila Nova de Famalicão

Com boa luz e bons travões não pode haver desastres.

Usai nos vossos carros:

CINTAS—DURACO LAMPADAS—SUNBEAM

Descontos especiais para revendedores — Distribuidores gerais para Portugal:

J. TORRES, Limitada

Acessorios para automoveis—Sortido de peças e acessorios para «Chevrolet» e «Ford»

Telef. 4994 *119, Rua dos Caldeireiros, 121* *Telegr.-opular*

P O R T O

Mealha & Ascensão, L.DA

FARO

End. Teleg. ***Navigation***

Agentes de vapores Armadores de barcas

Seguros

Edwards Line: — Saidas quinzenais de Bristol e Swansea para os portos do Algarve e vice-versa.

Isaac's Line: — Saidas quinzenais dos portos do Algarve para Marselha, Genova e Livorno.

JOSÉ ALBANO

182, RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 184

(Esquina da R. Ponte Nova)

PORTO

TELEFONE, 830 TELEGRAMAS: JOSÉLBANO

Acessórios para a indústria

Máquinas novas e usadas

Oleos minerais, massas e valvulinas lubrificantes, — Correias de couro, balata, pêlo de camêlo e tira-tacos. — Ligadores para correias de todos os sistemas. — Empanques de todas as qualidades. Fibra de amianto para isolamento. — Amiantos para todas as aplicações. — Vidros de nivel. — Borracha em pasta com e sem tela. — Desperdicios de algodão. — Fitas de serra e serras circulares. — Tubos de borracha para trasfega de vinhos. — Limas, lixa e esmeril em pó. — Pedras e rebolos de esmeril. — Metal anti-fricção. — Parafusos e ferramentas mecânicas. — Oleos especiais para lubrificação de automóveis. — Mangueiras de lôna. — Cadinhos para fundições. — Cintas Alpha para travões de automóveis.

Diversos artigos para automóveis

Grande *stock de fita de serra*, Rebolos *de esmeril* e Parafusos *pretos e torneados*

Consultem-me

Armando Souto Pinto

LEÇA da PALMEIRA

Rua do Sinal, 4 *Telef. Mat. 214*

AGENTE CENTRAL DA SHELL

Gasolina — Oleos — Petroleo

Garage de Recolha

A. de Sousa Andrade

Rua Trindade Coelho, 1-C 1,º—PORTO

Cintas para travões FERODO—Carburador SOLEX—Baterias DINI

e todos os acessorios para automoveis

Correias e acessorios para a industria